

Revista

2015 • março • suplemento

CULTURA E EXTENSÃO USP

12

Revista

2015 • março • suplemento

CULTURA E EXTENSÃO USP



Presença em diretórios e bases de dados: Catálogo Latin-
dex (www.latindex.unam.mx) e Portal Periódicos Capes
(www.periodicos.capes.gov.br)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Prof. Dr. Bernadette Dora Gombossy de Melo Franco

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. José Eduardo Krieger

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitor Adjunto de Cultura

Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes

Pró-Reitor Adjunto de Extensão

Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho

Assessor Técnico de Gabinete

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

Assessor Técnico de Gabinete

Prof. Dr. Rubens Beçak

Assistente Técnico do Gabinete

Cecílio de Souza

Assistente Técnico do Gabinete

Eduardo Alves

Chefe da Divisão de Comunicação Institucional

Kely Mendes

Chefe da Divisão de Ação Cultural

Juliana Maria Costa

Chefe da Divisão Acadêmica

Sandra Lara

Chefe da Divisão Administrativa e Financeira

Valdir Previde

CONSELHO EDITORIAL

Alexis Lyras (Georgetown University)

Heloísa André Pontes (UNICAMP)

Izabel Madeira de Loureiro Maior (UFRJ)

Marc Jimenez (U.F.R des Arts plastiques et Sciences de l'Art Université Paris 1)

Maria das Dores Guerreiro (Instituto Universitário de Lisboa)

Maria Ruth Amaral de Sampaio (USP)

Marisa Midori Deaecto (USP)

Mônica Almeida Kornis (FGV)

Patrizia Calefato (Università degli Studi di Bari)

Plínio Martins Filho (USP)

Vinícius Pedrazzi (USP)

Wrana Maria Panizzi (UFRGS)

COMISSÃO EDITORIAL

Editora Responsável

Prof. Dr. Diana Helena de Benedetto Pozzi

Editores Associados

Prof. Dr. Bruno Roberto Padovano

Prof. Dr. Primavera Borelli

Prof. Dr. Suzana Helena de Avelar Gomes

Prof. Dr. Waldenyr Caldas

Assistente Editorial

Verônica Cristo

Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Revista de Cultura e Extensão USP/
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da
Universidade de São Paulo. – N. 1 (jun./jul. 2009)
- São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, Pró-
Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, 2009-

Semestral.

ISSN 2175-6805 (versão impressa);

ISSN 2316-9060 (versão online)

1. Cultura. 2. Extensão. 3. Revista. I. Título

REVISTA DE CULTURA E EXTENSÃO USP

Rua da Reitoria, 374, 2º andar

Cidade Universitária – São Paulo-SP – 05508-220

Serviço de Produção Editorial: (11) 2648-0495

prceu.usp.br/revista – revistacultext@usp.br

Portal de Revistas da USP - www.revistas.usp.br/rce

Os artigos assinados não refletem, necessariamente, a opinião dos integrantes da Comissão Editorial da Revista de Cultura e Extensão USP e nem da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, sendo todo o seu conteúdo de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Sumário

Contents

5 EDITORIAL

EDITORIAL

PRIMAVERA BORELLI

WALDENYR CALDAS

REPORTAGEM

FEATURE

11 Violência e Sociabilidade: A Formação do Estudante

Violence and Sociability: the Student's Formation

GABRIELA SARMENTO

ARTIGOS

ARTICLES

19 Situação de Saúde do Idoso: Ensino-Pesquisa-Extensão em um Município do Centro-Oeste Paulista

Health Condition of Elderly: Teaching-Research-Extension in a Municipality Based in the Mid-West of São Paulo State

PATRÍCIA RIBEIRO MATTAR DAMIANCE

ALINE MEGUMI ARAKAWA

ELEN CAROLINE FRANCO

THAÍSA RINO DE FREITAS COELHO

MARISTELA APARECIDA DOS SANTOS

JOSÉ ROBERTO PEREIRA LAURIS

MAGALI DE LOURDES CALDANA

JOSÉ ROBERTO DE MAGALHÃES BASTOS

37 Co-Labora Incubadora de Empreendimentos Solidários: Experiência de Economia Solidária em Projetos de Extensão Universitária em Ribeirão Preto

Co-Labora Incubator of Solidary Economic Enterprises: Experience of Solidary Economic on University Extension Projects in Ribeirão Preto

PERLA CALIL PONGELUPPE WADHY REBEHY

DANIEL YACOUB BELLISSIMO

SAMANTHA GORDO SANDRIN

REGINA CÉLIA FIORATI

REGINA YONEKO DAKUZAKU CARRETTA

57 Darwin na Escola: Relato de Uma Experiência de Divulgação Científica

Biological Evolution In School: An Experience Of Communication And Dissemination Of Scientific Culture

GRACIELA DA SILVA OLIVEIRA

73 Avaliação do Curso de Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR32: Campus de Ribeirão Preto / USP de 2010 a 2013

Evaluation of Course on Work Health and Safety – Training according to NR32: Ribeirão Preto Campus / USP from 2010 to 2013

EVANDRO WATANABE

ANA MARIA RAZABONI

ANGELA MARIA MAGOSSO TAKAYANAGUI

ALCYONE ARTIOLI MACHADO

SANDRA MÁRCIA DE CASTRO

87 Oficinas de Atividades: Reconstruindo o Cotidiano de Pacientes Submetidos ao Transplante de Medula Óssea

Workshops of Activities: Rebuilding the Daily Life of the Patients Undergoing Bone Marrow Transplantation

FLÁVIA ANDRÉA PRADO PATROCÍNIO

ÉRIKA ARANTES DE OLIVEIRA-CARDOSO

BRUNA VIEIRA VON ZUBEN

MANOEL ANTÔNIO DOS SANTOS

97 INSTRUÇÕES PARA O PREPARO E ENCAMINHAMENTO DOS TRABALHOS

INSTRUCTIONS FOR PREPARING AND FORWARDING OF PAPERS

EDITORIAL

Editorial

Este número da Revista de Cultura e Extensão USP traz ao leitor uma reportagem sobre a violência no trote aos calouros e, mais amplamente, sobre a violência nas Universidades. O tema é recorrente na mídia e nos meios acadêmicos, mas tem sido relegado a um segundo plano como algo restrito ao momento do ingresso na Universidade e circunscrito a algumas unidades de ensino. O que se nota é que, sob o manto da recepção e das festas, ocorrem situações absolutamente inaceitáveis. Elas desrespeitam, por exemplo, algo tão precioso como a cidadania e a própria condição humana do jovem ingressante na Universidade. Ao contrário do que acontece em alguns momentos e situações, este calouro deveria ser bem recebido por seus colegas veteranos, até mesmo como forma de confraternização, mas, em alguns momentos de exceções, prevalecem a insensatez e a arbitrariedade de um grupo que ignora os princípios básicos de sociabilidade, algo basilar em qualquer atividade das relações humanas.

A situação de violência durante o trote insiste em andar na contramão do bom senso, justamente em face dos exageros praticados por um pequeno grupo de estudantes, que de forma alguma representam a vontade e a opinião da grande maioria dos seus colegas. O corpo discente, em sua quase totalidade discorda radicalmente dos atos de violência praticados contra os calouros. A exceção fica por conta dos insensatos que, como já dissemos anteriormente, não se sensibilizam pelo precioso direito à cidadania e à condição humana. Até porque, esta atitude autoritária, violenta e arbitrária, não reflete nem de longe e em momento algum, o ambiente amistoso e de permanente sociabilidade prevalecente nos campi universitários.

Mas, ainda nos reportando às exceções e aos casos isolados, e mesmo considerando que a Universidade é uma extensão da sociedade, é absolutamente abominável que no âmbito dessa instituição ocorram abusos de diversas ordens, inclusive sexuais. No sentido de uma ação conjunta com a Reitoria, e com o objetivo de coibir a violação dos direitos humanos nos campi da USP, nosso Reitor solicitou a participação efetiva dos diretores de todas as unidades para extirpar definitivamente este problema. É isso

PRIMAVERA BORELLI

Universidade de São Paulo,
Faculdade de Ciências Farmacêuticas, São Paulo, Brasil

WALDENYR CALDAS

Universidade de São Paulo,
Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, Brasil

o que propõe o documento emitido pelo Reitor em nove de dezembro de 2014. Com este ato, a Universidade se antecipa em tomar providências contra as arbitrariedades, as maledicências e os atos criminosos de um pequeno grupo de alunos que não deseja boa formação em nível superior, e sim o negócio ilícito e a bandalhice. Os resultados a que chegou a CPI da Assembléia Legislativa de São Paulo para apurar os casos de violação dos Direitos Humanos nas universidades paulistas, divulgados em 13 de março corrente, são importantes para a USP. Eles reforçam ainda mais o trabalho interno que está sendo feito para apurar os casos de desrespeito aos direitos humanos, julgar seus responsáveis e tomar medidas de prevenção e punição adequadas. Justamente por ser uma extensão da sociedade, a Universidade tem suas normas, sua ética e está submetida às leis do país, assim como todas as instituições e cidadãos. A Universidade possibilita ainda um espaço de sociabilidade que deve ser sempre valorizado e preservado. Este é, aliás, um motivo a mais para a ação conjunta entre diretores e Reitor da nossa Universidade. Enfim, uma idéia e atitude felizes, em andamento.

Nesta reportagem, sob a supervisão da assistente editorial Verônica Cristo, a estagiária desta Revista, Gabriela Sarmento, discente de Jornalismo na ECA-USP, apresenta o artigo intitulado, *Violência e Sociabilidade: a formação do estudante*, relatando como os calouros são tratados durante a semana de trotes, mas não só. Vale acrescentar ainda, que duas professoras e um aluno, todos da Faculdade de Medicina da USP, colaboraram com seus relatos e opiniões sobre a violência nas Universidades.

Compõem ainda este número, artigos que trazem várias experiências de inclusão social, ressaltando a relevância da extensão na USP. Docentes, pesquisadores e pós-graduandos, da *Faculdade de Odontologia de Bauru-USP*, assinam o artigo *Situação de Saúde do Idoso: Ensino-Pesquisa-Extensão em um Município do Centro-Oeste Paulista*. O envelhecimento, processo fisiológico, traz modificações metabólicas e psicológicas. Portanto, o conhecimento de particularidades dessa etapa da vida pode propiciar medidas que permitam, por parte do gestor, a adequação de políticas públicas para essa população.

O artigo *Co-Labora Incubadora de Empreendimentos Solidários: Experiência de Economia Solidária em Projetos de Extensão Universitária em Ribeirão Preto* traz o trabalho de docentes da Faculdade de Economia *Administração e Contabilidade-RPUSP* e da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) em projetos de inclusão sócio-econômica. A equipe desenvolve seus trabalhos junto a uma cooperativa de agentes ambientais de resíduos sólidos, a um grupo de costureiras, a produtores de horti-fruti orgânicos de um assentamento, pessoas em vulnerabilidade atendidas pelo Centro de Atenção Psicossocial a Usuários de Álcool e Outras Drogas e um projeto de alfabetização de adultos. O foco da atuação é o desenvolvimento dos princípios, valores e práticas da economia solidária enfatizando a autonomia, autogestão, horizontalidade e democracia na gestão.

A inserção da USP com o ensino médio é abordada no artigo de Graciela da Silva Oliveira, docente do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação-USP. O artigo *Darwin na Escola: Relato de Uma Experiência de Divulgação Científica* traz a experiência do grupo junto às escolas públicas de Cuiabá-MT, desenvolvendo material e oficinas pedagógicas para estudantes e seus professores do ensino médio, procurando desenvolver e estimular o conhecimento da Teoria da Evolução.

Colegas da Faculdade de Odontologia-RPUSP, Escola de Enfermagem-RPUSP, Faculdade de Medicina-RP da USP e do Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (RP), trazem os resultados do trabalho desenvolvido, anualmente, nos anos de 2010 a 2013, no campus da USP de Ribeirão Preto. O objetivo do Curso de Saúde e Segurança do Trabalho – capacitação segundo a NR-32 é a capacitação de servidores não-docentes, na área de saúde, visando à segurança do trabalho e procurando minimizar os riscos envolvidos na atividade ocupacional.

Também com enfoque na área da saúde, o artigo *Oficinas de Atividades: Reconstituindo o Cotidiano de Pacientes Submetidos ao Transplante de Medula Óssea* traz a experiência do grupo da *Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP com pacientes submetidos a transplante de medula óssea (TMO)*. O TMO é uma das formas de tratamento de diversas doenças neoplásicas como as leucemias. Em função dos procedimentos pré e pós-TMO, intercorrências podem ocorrer, algumas vezes com substancial comprometimento da qualidade de vida do paciente. As atividades foram estruturadas na forma de dinâmicas de grupo, artesanato, jogos e apresentações seguidas de discussão de filmes. A experiência mostra a eficácia da abordagem como auxílio terapêutico para os pacientes e seus acompanhantes

PRIMAVERA BORELLI professora titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: borelli@usp.br

WALDENYR CALDAS professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: waldenyr@usp.br

REPORTAGEM feature



Violência e Sociabilidade: A Formação do Estudante

Violence and Sociability: the Student's Formation

Entrar na Universidade é o sonho da maioria dos jovens, no entanto, quando o desejo torna-se realidade, o trote surge e pode representar agressões, violências e humilhações.

Segundo o dicionário Michaelis, um dos significados da palavra trote é “maneira de andar de cavalos e de outros quadrúpedes, entre o passo ordinário e o galope”. O animal precisa ser ensinado, muitas vezes à base de chicotadas, a caminhar mais rapidamente. Com origem na Idade Média, o trote universitário mantém a raiz etimológica da palavra, uma vez que reproduz a ideia de que o calouro precisa ser “domesticado” pelos veteranos ao espaço acadêmico que está sendo inserido.

Márcia Couto, professora do Departamento de Medicina Preventiva da FM-USP, entende que, apesar de características medievais persistirem no trote, há mudanças profundas que se agudizaram nas últimas décadas. “O trote não tem incorporado diferenciações e desigualdades latentes em nossa sociedade, como o reconhecimento da diversidade, do pluralismo de opiniões, de crenças e identidades. A universidade não acompanha essas mudanças; ela permanece fechada.”

Uma das preocupações do calouro ao entrar na faculdade é, assim como de qualquer pessoa ao ser inserida em um novo grupo, o acolhimento. Por isso, o calouro mostra-se vulnerável aos veteranos que se sentem à vontade para imputar a ele inúmeras coerções, humilhações e violências de ordem física, emocional e psicológica. A partir desse contexto, estabelecem-se dois grupos: aqueles que acabam por aceitar o trote, por muitas vezes nem percebendo a situação como humilhante ou violenta, e aqueles que não aceitam a violência e sofrem represálias ao longo da graduação. Para o estudante da FM-USP e Coordenador de Cultura da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina, Felipe Scalisa, “Quando os novos estudantes entram, acaba, naturalmente, existindo uma separação entre aqueles que vão se subordinar e aqueles que aceitam a própria exclusão.” Ele também entende que o ingressante acredita que as novas leis que lhe estão sendo impostas são legítimas, principalmente

GABRIELA SARMENTO

Universidade de São Paulo,
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil

Calouros dão barrigada na lama em trote da Escola Politécnica. Foto: Julia Chequer



pelo tempo, uma vez que o termo “tradição” ganha um papel político muito importante nesses rituais.

A tradição é também o motivo que leva o veterano a perpetuar a violência contra os calouros. Mas, também segundo Scalisa, “há o mecanismo psicológico – até para aliviar um pouco o próprio trauma e a questão de se colocar na posição de poder.” Márcia reafirma que a reprodução da violência é uma forma de manter fortemente delimitada a hierarquia entre os alunos, estabelecendo dessa forma um ciclo interminável.

Maria Fernanda Peres, também professora do Departamento de Medicina Preventiva e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência, mediu a ocorrência de violência entre alunos do curso de Medicina, no *projeto QUARA – Qualidade das relações no ambiente acadêmico e seu impacto na saúde mental e na qualidade de vida de estudantes de medicina: um estudo com corte transversal*. O recorte do estudo recai sobre situações corriqueiras de violência, e não inclui apenas o trote, mas também outros episódios que acontecem durante a graduação. Entre os 317 alunos que responderam

voluntariamente ao questionário, 90% sofreu pelo menos um tipo de agressão ao longo do curso, seja humilhação, depreciação, assédio, discriminação sexual, violência psicológica, física, verbal e psicológica acadêmica. Segundo a pesquisadora, “há uma extensa literatura internacional que mostra que no curso de Medicina, é extremamente frequente a ocorrência de situações de violência. Estudos feitos em cursos nos Estados Unidos e Alemanha mostram números semelhantes, com percentuais em torno de 80% e 90%”. A pesquisadora ressalva que pode existir uma superestimação, ou até uma subestimação, do problema, uma vez que a amostra representa cerca de 30% do corpo discente. Também é possível que tenham respondido ao questionário apenas aqueles que se sensibilizaram pelo tema. Além disso, foi observado que alunos do quinto e sexto ano, identificados como os maiores agressores, responderam bem menos ao questionário. O *projeto QUARA* preocupou-se em analisar qualquer tipo de agressão reportada, seja “uma vez um aluno gritou comigo”, e até “eu fui vítima de estupro”.



Felipe Scalisa depõe em audiência pública na ALESP em janeiro de 2015. Foto: Maurício de Souza/ALESP

Para Fernanda, as consequências do ato violento para a vítima dependem do tipo de agressão, do grau e de como a pessoa lidou com a situação. Estudos mostram que podem ser associados quadros de depressão, transtornos de estresse pós-traumático, ansiedade, quadros fóbicos, doenças físicas crônicas, como quadros reumáticos, processos inflamatórios e doenças cardiovasculares. “A universidade é um espaço de acolhimento e formação, ser posto em uma situação de vulnerabilidade, dentro desse espaço, é difícil. Por isso, a importância de atuar preventivamente”, afirma a professora. Além dos problemas pessoais, a vítima, principalmente a que denunciou, enfrenta problemas para se inserir no mercado. Márcia Couto diz “Muitas vezes também os alunos dizem: “eu destruí minha carreira, porque denunciei. Posso me formar, mas

provavelmente não vou conseguir o trabalho que eu quero, a especialidade que eu quero”.

PARA ALÉM DO TROTE

Os trotes não necessariamente acontecem na Semana de Recepção aos Calouros. Na Faculdade de Medicina, por exemplo, desde a morte do calouro Edison Tsung Chi Hsueh, em 1999, os trotes foram proibidos na primeira semana letiva. Todavia, casos de violência, agressões e humilhações acontecem com relativa frequência durante o primeiro ano e seguem até o final da graduação.

Infelizmente, muitas pessoas que sofrem violência não denunciam. A professora Márcia observa que há dois possíveis motivos para o silêncio nos casos de violência sexual, que a USP teve que enfrentar no último ano: o não reconhecimento do abuso sexual como violência, mas apenas como sexo não-consentido, e o silêncio advindo da culpabilização, muitas vezes pessoal, como se o fato de estar bêbada e/ou vestindo roupas “inadequadas” propiciasse a violência. Nesse caso, a condenação da vítima está inserida dentro da lógica machista, que ainda rege majoritariamente a sociedade contemporânea. Já Felipe Scalisa afirma que há forte pressão por parte dos colegas, que ameaçam as vítimas, a fim de proteger a reputação da instituição ou de uma festa. “Os veteranos ameaçam de suicídio social, deslegitimam, desmoralizam e dizem sempre ser ‘uma frescura’, como se fosse uma demonstração de fraqueza. Falam também que a menina que sofreu estupro é uma vagabunda, começam a inventar um monte de histórias sobre ela”, diz Felipe.

Outra questão fundamental é que o ato de denunciar envolve o autorreconhecimento. A tomada de consciência de que o ato sofrido foi uma violência e não um excesso é significativa e implica em uma série de consequências, que vão desde o julgamento dos colegas até o acolhimento institucional ou a falta dele. Para Maria Fernanda, muitas meninas não denunciam por não saberem como



Faixa de recepção aos calouros do coletivo feminista Geni, criado na Faculdade de Medicina em 2014. Foto: Página do coletivo no Facebook

serão acolhidas em seus círculos sociais, pelo descrédito nas respostas que serão dadas dentro e fora da Universidade.

Para tentar dar fim à impunidade, vítimas de abusos sexuais e garotas solidárias à causa criaram, no final de 2013, o coletivo feminista Geni. As vítimas se organizaram no grupo e encontraram amparo e força para a publicização dos crimes, que resultaram na criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Violações dos Direitos Humanos nas Faculdades Paulistas, na Assembleia Legislativa de São Paulo, em novembro do ano passado. Márcia Couto entende que “são nas reuniões do coletivo que as meninas caminham com o objetivo de fazer uma outra leitura, contra-hegemônica e não-tradicional, do que é a violência sexual que uma mulher sofre ou que pode vir a sofrer em um trote”. Já a professora Maria Fernanda Tourinho reconhece que mesmo que o grupo ainda seja minoria dentro da faculdade, “elas fizeram um barulho significativo, tanto que hoje há uma CPI instalada por conta das denúncias”. Os coletivos tiveram grande repercussão e hoje são alvo de críticas, mas, na opinião da professora, a tendência é que a hostilidade enfraqueça, por ser um movimento dos alunos.

Os denunciadores também sofreram com a resistência e hostilização na Faculdade. Felipe, por exemplo, que foi um dos depoentes da audiência pública da ALESP, disse sofrer perseguição

política desde então. “A faculdade virou um ambiente totalmente hostil para mim, eu não consigo andar no corredor, as pessoas trombam, ficam olhando. Sofri violência na sala de aula e também nas redes sociais, com pessoas indo na minha página para me ofender”. A situação levou Felipe à decisão de trancar o curso em 2015.

A FORMAÇÃO DO MÉDICO

O alto índice de violência registrado no curso de Medicina também pode estar associado a sua grade curricular. Na opinião de Scalisa, no currículo com viés majoritariamente biologicista, faltam matérias voltadas para as ciências humanas no curso. Entretanto discute-se hoje a valorização do campo da humanização do ensino médico. Fundamental para a formação de um profissional sensível que respeite às diferenças, esta área pressupõe que o médico saiba reconhecer e respeitar o diferente, além de compreender que a assistência à saúde é um dos direitos humanos básicos. Para Maria Fernanda, “tudo isso precisa constituir um núcleo central da formação não só do médico, mas de todo profissional da saúde que lida com o outro, principalmente se este está numa posição de vulnerabilidade”

Na opinião da professora Márcia Couto, em faculdades como a FFLCH e a ECA, por exemplo, não há tolerância para esses tipos de violação, pois

são cursos que dialogam cotidianamente com as questões humanas. “Muito me espantaria se houvesse denúncias de machismo, racismo ou homofobia nos trotes da FFLCH. Afinal, são cursos nos quais esses conteúdos já fazem parte da formação do aluno, que busca ser crítica sobre essas posições da sociedade”, afirma.

CALOURADA DIFERENTE

Felipe Scalisa acredita que a Semana de Recepção dos Calouros, que acontece entre 23 e 27 de fevereiro, será diferente este ano, tendo em vista que a sociedade está com os olhos voltados para a faculdade. Aos novos alunos, diz “venham empoderados e não legitimem espaços de opressão. Não é a maioria que é agressora ativa, mas a maioria silenciosa e a maioria compactua. Existe uma cumplicidade muito grande em relação à violência, mas isso precisa mudar.”

Nestes dias, os calouros estarão entrando pela primeira vez como alunos da famosa “Casa de Arnaldo”. Qual o sentimento que lhes ronda? Maria Fernanda entende que, por mais que tenha sido doloroso o momento da audiência pública e da instauração da CPI, eles foram importantes, porque a partir dele a mudança se estabeleceu. “A Universidade está atenta à situação e não vai tolerar a permissividade nas relações. Venham sem medo”, diz.

GABRIELA SARMENTO *graduanda em Jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: gabrielasarmento11@gmail.com*

ARTIGOS articles



Situação de Saúde do Idoso: Ensino -Pesquisa-Extensão em um Município do Centro-Oeste Paulista

Health Condition of Elderly: Teaching-Research-Extension
in a Municipality Based in the Mid-West of São Paulo State

RESUMO

Poucos são os estudos nacionais acerca da saúde do idoso que privilegiam a avaliação geriátrica multidimensional e a qualidade de vida por meio de instrumentos de mensuração. Esta pesquisa busca relatar uma experiência interdisciplinar de aplicação de instrumentos de avaliação do perfil socioeconômico, da qualidade de vida, da função cognitiva e da presença/gravidade do zumbido de idosos participantes de uma atividade de ensino, pesquisa e extensão, em um município do centro-oeste paulista. Pesquisa de caráter empírico, descritivo e transversal. Para coleta de dados foram utilizados: Mini Exame do Estado Mental; Critério de Classificação Econômica Brasil; Questionário de Qualidade de Vida SF-36 e Questionário de Gravidade do Zumbido e para análise: Testes de Mann-Whitney e Correlação de Spearman. Resultados: escores elevados em relação ao estado geral de saúde e aspectos sociais e mais baixos para limitação por aspectos funcionais e gravidade do zumbido. A análise revelou que o estado de saúde de idosos participantes da feira está intrinsecamente relacionado às condições de vida e trabalho da população. Os dados encontrados podem subsidiar políticas públicas e ações de promoção da saúde, pois estão alicerçados no entendimento de que a situação de saúde dos idosos é resultado da interação de múltiplos fatores.

Palavras-chave: Idoso. Qualidade de Vida. Promoção da Saúde. Extensão Comunitária.

ABSTRACT

There are few national studies about elderly people health, which highlight the multidimensional geriatric evaluation and the quality of life through measuring instruments. This study aims report an interdisciplinary experience of applying instruments for assessing the socioeconomic profile, quality of life, cognitive function, and the presence/severity tinnitus of elderly participants in a learning activity, research in a

PATRÍCIA RIBEIRO
MATTAR DAMIANCE,
ALINE MEGUMI
ARAKAWA, ELEN
CAROLINE FRANCO,
THÁISA RINO DE
FREITAS COELHO,
MARISTELA APARECIDA
DOS SANTOS, JOSÉ
ROBERTO PEREIRA
LAURIS, MAGALI DE
LOURDES CALDANA,
JOSÉ ROBERTO DE
MAGALHÃES BASTOS

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Odontologia
de Bauru, São Paulo, Brasil

municipality based in the mid-west state of São Paulo. Empiric, descriptive and transversal research. For data collection the following questionnaires were employed: Mini Exam of Mental Status; Brazil Economic Classification Criteria; Quality of Life Questionnaire SF-36 and Tinnitus Handicap Inventory, and for analysis the following tests were employed: Mann-Whitney Test and Spearman Correlation Test. The results showed: high scores concerning general health and social aspects, and lower scores for limitation due to functional aspects and for tinnitus severity. Analysis showed that the health of the elderly who participated in the event is intrinsically related to the conditions of population's life and work of the population. Data may support public policies and actions to promote health because they are based on the comprehension that health condition of elderly people results on the interaction of multiple factors.

Keywords: Aged. Quality of Life. Health Promotion. Community-institutional Relations.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional, com todas as suas peculiaridades sociais, políticas, econômicas, biológicas e psicológicas, é um desafio principalmente para os países em desenvolvimento. A elaboração de políticas públicas e de saúde que atendam todas as demandas do processo de envelhecimento, considerando os determinantes sociais da saúde e as especificidades anatômicas e fisiológicas do envelhecimento, sob a ótica da integração ensino-serviço, é de extrema relevância para promover saúde e Qualidade de Vida (QV) a essa população.

O artigo 7º da Lei 8080 de 1990, que trata dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), preconiza que as ações e serviços públicos e privados que integram o sistema de saúde devem utilizar a epidemiologia para o estabelecimento de prioridades, alocação de recursos e orientação programática; e o artigo 14º salienta a necessidade da criação de Comissões Permanentes de Integração entre os serviços de saúde e as instituições de ensino profissional e superior, com a finalidade de propiciar a formação acadêmica e educação continuada de profissionais para o SUS, assim como pesquisas e cooperação técnica, considerando as atribuições de cada esfera de governo [6]. Nesse contexto, a parceria entre a Academia e os gestores de saúde, em atividades de estágio, pesquisa, extensão e educação em saúde, pode adequar a formação às necessidades do SUS, propiciar levantamentos de necessidades individuais e coletivas de saúde, traçar o perfil de saúde do município e desenvolver políticas que visem aumentar a cobertura e a qualidade das ações em saúde [13].

A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa [8], em suas diretrizes, apoia o desenvolvimento de estudos e pesquisas de avaliação da qualidade da atenção à saúde do idoso e seu aprimoramento. Além disso, estimula a formação de redes de apoio com as instituições formadoras como: universidades, centros universitários, faculdades e órgãos públicos a fim de fomentar, apoiar e identificar pesquisas em envelhecimento e saúde do idoso pensando na socialização, divulgação, financiamento e embasamento de novas investigações. Destaca a relevância científica, social e política de se investigar as condições que interferem no bem-estar na senescência e os fatores associados

à QV, no intuito de criar alternativas de intervenção e propor ações e políticas na área da saúde, buscando atender as demandas (biológicas, psicossociais, funcionais, financeiras) da população que envelhece.

Dessa forma, a avaliação do estado de saúde do idoso está diretamente relacionada à QV, influenciada pelo sexo, escolaridade, idade, condição econômica e presença de incapacidades [26]. A avaliação integral da pessoa idosa, em uma perspectiva multidimensional, que considera aspectos de ordem biológica, psíquica e social é a maneira mais adequada de mensurar a saúde do idoso e planejar ações de saúde condizentes com as necessidades dessa população [30].

Em relação às necessidades específicas da população idosa, vale lembrar que o idoso sofre alterações decorrentes do próprio processo de envelhecimento, modificando muitas funções de órgãos e sistemas, principalmente do Sistema Nervoso Central (SNC) e os órgãos dos sentidos, especialmente, a audição. Um dos problemas associados à perda auditiva é o zumbido que influencia profundamente no desenvolvimento psicossocial do indivíduo senil, ocasionando dificuldades de integração, socialização, autoimagem e autoestima [15, 16]. O zumbido severo é considerado o terceiro pior sintoma que pode acometer o ser humano, perdendo somente para a dor crônica e a tontura intensa intratável. Em aproximadamente 80% dos casos, o zumbido é leve e intermitente, o que não afeta em praticamente nada a vida diária do indivíduo, nem mesmo o leva a procurar ajuda médica [5]. Entretanto, no indivíduo senil o impacto do zumbido na QV precisa ser mensurado [17].

Poucos são os estudos nacionais acerca da saúde do idoso que privilegiam a avaliação geriátrica multidimensional e a QV por meio de instrumentos de mensuração. Em uma revisão sistemática [25] de estudos sobre a QV indexados na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), realizada no período de janeiro de 2001 a dezembro de 2006, com o objetivo de analisar a produção científica sobre o tema, foram encontrados 217 artigos utilizando o descritor “qualidade de vida” e um artigo com o descritor “qualidade de vida relacionada à saúde”. Por ano de publicação, levantaram-se 180 artigos. Destes, 124 possuíam o assunto QV como objeto central. Entre alguns dos resultados, os autores verificaram que a produção científica sobre a QV relacionada à saúde do idoso representou somente 5,8% dos estudos e que o idoso não foi foco temático de pesquisas que utilizaram instrumentos de medida da QV e nem na pesquisa qualitativa.

Conforme exposto, este estudo tem por objetivo relatar uma experiência interdisciplinar de aplicação de instrumentos de avaliação do perfil socioeconômico, da qualidade de vida, da função cognitiva e da presença/gravidade do zumbido de idosos participantes de uma atividade de ensino, pesquisa e extensão, em um município do centro-oeste paulista.

MÉTODOS

Estudo empírico, quantitativo, desenvolvido em parceria entre o Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo

(FOB-USP), campus de Bauru e a Prefeitura Municipal de Agudos representada pela Secretaria Municipal de Higiene e Saúde (SMHS). As instituições promoveram a Feira da Melhor Idade, entre os dias 11 e 14 de junho de 2012, no período vespertino, na praça central da cidade.

A feira fundamentou-se em atividades de atenção à saúde, extensão, educação e pesquisa, direcionadas à população idosa do município, com um enfoque interdisciplinar e visão multidimensional da assistência à saúde do idoso, envolvendo profissionais da rede municipal de saúde e estudantes da pós-graduação de diversas áreas do conhecimento, tais como: saúde, ciências sociais e humanas. As atividades de atenção à saúde concentraram-se na oferta da vacinação contra a Influenza A; verificação de pressão arterial e glicemia capilar; exame clínico bucal, aprendizado sobre técnicas de autoexame bucal, inspeção do meato acústico externo (orelha) e cuidados para manter a integridade da audição.

As atividades de educação em saúde foram realizadas individualmente, conforme as necessidades percebidas na interação, e coletivamente, por meio de impressos sobre: Doença de Parkinson e Alzheimer, Acidente Vascular Encefálico, presbifonia (processo natural de envelhecimento vocal), presbiacusia (processo natural de envelhecimento auditivo) e presbifagia (processo natural de envelhecimento das estruturas musculares da mastigação e deglutição).

Os indivíduos com 60 anos ou mais de idade foram convidados a participar de pesquisas relacionadas a diversos aspectos da saúde do idoso, respondendo questionários validados na literatura. Todos os que aceitaram participar receberam explicação sobre os aspectos éticos e assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FOB-USP e aprovados sob o protocolo nº 02978212.8.0000.5417, conforme a resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Dentre aqueles, foram selecionados 44 idosos, independentemente do sexo, submetidos ao Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) [11] e ao Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) [1], ao Questionário de Qualidade de Vida Medical Outcomes Study 36-Item Short-Form Health Survey (SF-36) [12] e a um Questionário de Gravidade do Zumbido (QGZ) [16]. Estes instrumentos foram apreendidos pelos pós-graduandos, nas etapas preparatórias ao evento.

Para o Questionário Socioeconômico foi utilizado o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), proposto pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) [1]. Nesta escala, a escolaridade do chefe da família vale de 0 a 8 pontos; os demais pontos são fornecidos pela quantidade de bens de consumo duráveis que a família possui (automóvel, televisão em cores, rádio, geladeira, freezer, máquina de lavar roupa etc.), a quantidade de cômodos da casa, enfatizando-se os banheiros e quantidade de empregados mensalistas trabalhando para a família. O questionário define a classe econômica dos indivíduos avaliados, através de escores que vão de 0-7 pontos para a classe E até 42-46 pontos para a classe A₁.

O SF-36 foi elaborado para avaliação da QV. No Brasil, o instrumento se mostrou adequado às condições socioeconômicas e culturais da população. Composto por 11

questões e 36 itens que envolvem oito domínios, sendo representados por capacidade funcional (dez itens), aspectos físicos (quatro itens), dor (dois itens), estado geral da saúde (cinco itens), vitalidade (quatro itens), aspectos sociais (dois itens), aspectos emocionais (três itens), saúde mental (cinco itens) e uma questão comparativa sobre a percepção atual da saúde. O indivíduo recebe um escore em cada domínio, que varia de zero a 100 [12].

O MEEEM foi criado e validado por Folstein, Fostein e McHugh, em 1975, com o objetivo de avaliar a função cognitiva e identificar os indivíduos que possuem alterações das funções cognitivas. Pode ser utilizado em avaliações iniciais e seriais do funcionamento mental, pois demonstra quantitativamente a piora ou melhora da função mental de acordo com o tempo e possíveis tratamentos. Apresenta também capacidade de avaliar questões relacionadas ao autocuidado. O exame consiste em respostas verbais para questões sobre orientação tempo-espacial, memória, atenção e cálculo, cuja possibilidade de pontuação máxima é 21 pontos. Já a capacidade do indivíduo denominar, seguir ordens verbais e escritas, escrever uma sentença de forma espontânea e desenhar por meio de cópia dois polígonos em intersecção (respostas escritas), com a possibilidade máxima de pontuação de nove pontos. A parte verbal e a escrita totalizam o máximo de 30 pontos. [4, 11]

Em nosso meio, pesquisadores [4] indicaram a necessidade de adequar a pontuação inicialmente proposta, considerando o nível de escolaridade da população brasileira. Os valores propostos foram: 13 pontos para os analfabetos, 18 para as pessoas com escolaridade baixa e média e 26 para escolaridade alta. Outra adaptação do teste foi proposta [11], para uso em ambiente hospitalar, consultório e estudos populacionais modificando palavras, no item orientação tempo-espacial, e fornecendo regras para aplicação uniforme do instrumento. A pontuação e a estrutura do instrumento, no quesito orientação espacial, obedeceram, respectivamente, aos dois estudos.

O QGZ foi escolhido por ser considerado o mais completo na avaliação dos aspectos psicológicos e cotidianos do zumbido [16]. Além disso, possui uma boa confiabilidade, ratificada por altas consistências internas. A facilidade, a rapidez na aplicação (cerca de cinco minutos) e a reprodutibilidade (não apresenta reserva de direitos autorais) são outras justificativas para a escolha do teste. Composto por 25 questões, divididas em três escalas. A funcional (F) mede o incômodo provocado pelo zumbido em funções mentais, sociais, ocupacionais e físicas. A escala emocional (E) mede as respostas afetivas como ansiedade, raiva e depressão. A catastrófica (C) quantifica o desespero e a incapacidade referida pelo acometido para conviver ou livrar-se do sintoma. São três as opções de resposta para cada uma das questões, pontuadas da seguinte maneira: para as respostas “sim” (4 pontos), às vezes (2 pontos) e “não” (nenhum ponto). As respostas são pontuadas de zero, quando o zumbido não interfere na vida do paciente, até 100 (pontos ou %), quando o grau de incômodo é grave. A somatória dos pontos resultantes das questões é categorizada em cinco grupos ou graus de gravidade e o zumbido pode ser: desprezível (0-16%), leve (18-36%), moderado (38-56%), severo (58-76%) ou catastrófico (78-100%).

Os dados coletados foram registrados, tabulados e receberam tratamento estatístico: Teste Mann-Whitney e Teste de Correlação de Spearman.

RESULTADOS

Os resultados das variáveis sociodemográficas e da aplicação dos instrumentos estão descritas na Tabela 1. A faixa etária dos idosos variou entre 60 e 85 anos de idade, sendo 6,0 o desvio padrão, 67,86 anos a média etária e 67 anos a mediana. Com relação à escolaridade e classe social houve prevalência de idosos analfabetos e pertencentes à classe B2, respectivamente.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra

		N	%
GÊNERO	Feminino	25	56,81
	Masculino	19	43,18
ESCOLARIDADE	Analfabeto	18	40,90
	Fundamental incompleto	16	36,36
	Fundamental completo	3	6,81
	Médio incompleto	0	0
	Médio completo	5	11,36
	Superior completo	2	4,54
CLASSE SOCIAL	B1	4	9,09
	B2	13	29,54
	C1	8	18,18
	C2	10	22,72
	D	9	20,45

No que se refere à QV, os indivíduos apresentaram escores elevados nos domínios que avaliaram o Estado Geral de Saúde (80,32), Aspectos Sociais (82,10) e Limitação por Aspectos Emocionais (82,58). Os escores mais baixos foram encontrados nos domínios Dor (73,73) e Limitações por Aspectos Funcionais (71,59). Em cada domínio do SF-36, as mulheres obtiveram escores menores do que os homens, exceto nos domínios EGS e V, porém não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Tabela 2).

Tabela 2 – Escores do questionário SF-36 de acordo com os domínios avaliados

DOMÍNIOS	GERAL						GÊNERO	
	X	DP	MÍN	MÁX	MED	ESCORE MÁX	FEMININO	MASCULINO
CF	69,77	26,74	0	100	70	100	66	74,74
LAF	71,59	34,35	0	100	75	100	68	76,32
D	73,73	18,47	41	100	72	100	72,76	75,00
EGS	80,32	17,22	17	100	83,50	100	81,92	78,21
V	74,32	19,99	25	100	80	100	75,80	72,37
AS	82,10	23,56	25	100	100	100	81	83,44
LAE	82,58	36,29	0	100	100	100	81,33	84,21
SM	76,36	19,34	28	100	84	100	80,32	71,16

CF: Capacidade Funcional; LAF: Limitação por Aspectos Físicos; D: Dor; EGS: Estado Geral de Saúde; V: Vitalidade; AS: Aspectos Sociais; LAE: Limitação por Aspectos Emocionais; SM: Saúde Mental; x: média; dp: desvio padrão; Mín: mínimo; Máx: máximo; Med: mediana.

Ao realizar a comparação entre a QV e o sexo dos participantes, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Correlacionando-se a QV com a classificação socioeconômica, escolaridade e pontuação no MEEM (Tabela 3), pode-se observar uma análise positiva linear com diferença estatisticamente significativa nos domínios CF, LAE e LAF. Em outras palavras, lê-se que quanto maior a qualidade de vida, melhor a CF e menores LAE e LAF. Salienta-se que quanto maior a escolaridade, maiores são as pontuações no MEEM, que, por sua vez, apresentou pontuação máxima de 30 pontos, mínimo de 13 pontos, 4,13 de desvio padrão, média de 23,64 pontos e mediana de 24 pontos.

Tabela 3 – Correlação entre a qualidade de vida, classificação socioeconômica, escolaridade e aspectos cognitivos.

DOMÍNIOS	CLASSIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA		ESCOLARIDADE		ASPECTOS COGNITIVOS	
	R	P	R	P	R	P
CF	0,43	0,00*	0,34	0,02*	0,04	0,79
LAF	0,25	0,09	0,30	0,04*	0,31	0,04*
D	0,10	0,50	-0,07	0,64	0,02	0,91
EGS	0,09	0,55	-0,14	0,36	-0,22	0,15
V	0,24	0,12	0,04	0,78	0,07	0,65
AS	0,09	0,57	0,02	0,87	0,12	0,45
LAE	0,38	0,01*	0,29	0,05	0,35	0,02*
SM	0,15	0,34	-0,09	0,57	-0,06	0,70

CF: Capacidade Funcional; LAF: Limitação por Aspectos Físicos; D: Dor; EGS: Estado Geral de Saúde; V: Vitalidade; AS: Aspectos Sociais; LAE: Limitação por Aspectos Emocionais; SM: Saúde Mental.

Dentre os 44 participantes, 20 (45,45%) confirmaram a presença do zumbido e em meio a esta amostra, verificou-se que 55% dos participantes obtiveram o grau “desprezível” de severidade do zumbido, 25% grau leve, 20% grau moderado e 0% para grau severo e catastrófico. Foi realizada correlação dos dados entre QV e zumbido não se encontrando dados estatisticamente significativos.

DISCUSSÃO

Com todas as ressalvas em relação ao número de participantes, homens e mulheres buscaram, de maneira igualitária, a atividade de extensão, utilizando como base para o raciocínio o percentual de homens e mulheres com mais de 60 anos, no município de Agudos-SP, que é respectivamente, 44,32% e 55,68% [20].

Os analfabetos e analfabetos funcionais representaram 77,26% e os indivíduos com mais de quatro anos de instrução, 22,72%. O termo analfabeto funcional aplica-se aos indivíduos que não concluíram o primeiro segmento do ensino fundamental. A taxa de analfabetismo funcional, em 2007, era de 21,7%, com tendência declinante. O Brasil apresenta uma taxa de analfabetismo residual de 2,4% entre a população jovem (15 a 24 anos de idade). Entre o grupo de 40 a 59 anos ainda é expressivo o percentual de analfabetismo: 36,5% e entre os maiores de 60, 40,1%. O analfabetismo, no Brasil, guarda relação com região e seu desenvolvimento socioeconômico, com a área (urbana ou rural) e com o gênero [22].

Os déficits educacionais da população idosa e de uma parcela significativa de jovens e adultos representam (e representarão) um desafio para a saúde pública no

* diferença estatisticamente significativa

questões de educação em saúde, pois serão necessárias estratégias criativas (e adequadas didaticamente) para mudar comportamentos e estilos de vida que tem grande impacto na ocorrência de doenças crônicas [19]. Acrescenta-se à afirmação a necessidade de adequação dos instrumentos de avaliação das condições de saúde, principalmente os relacionados à avaliação da função cognitiva, as especificidades decorrentes da privação de estímulos físicos e sociais propiciados pela educação, tão importantes para o desenvolvimento cognitivo.

O maior percentual de indivíduos da amostra pertence às classes B e C. A maioria da população, no Brasil, pertence à classe C, que mais cresce, devido aos investimentos na redução das desigualdades sociais e ao crescimento econômico, principalmente do emprego formal e da renda [2, 9]. Nota-se a importância dos indicadores socio-demográficos e da atual estrutura da pirâmide etária brasileira (que apresenta uma relação positiva entre a população economicamente ativa e a população de dependentes) sobre o desenvolvimento econômico e competitividade da economia brasileira para as próximas décadas.

Encontrou-se uma associação positiva entre a QV e o nível socioeconômico, o que corrobora os achados de outros estudos [28, 35]. Na análise dos oitos domínios do SF-36, os valores se apresentaram acima do valor 50, que é uma pontuação moderada. Mesmo não havendo diferenças estatisticamente significativas entre qualidade de vida e sexo, ao analisar a média dos domínios, as mulheres apresentaram menores pontuações nos domínios da qualidade de vida. Esta informação é similar à trazida por uma pesquisa na qual foi utilizada a mesma ferramenta para verificar a QV de indivíduos que sofreram AVE [24]. Em outro estudo os autores observaram uma prevalência maior dos escores no sexo masculino exceto para estado geral de saúde e aspectos emocionais [31].

As mulheres apresentaram pontuações mais elevadas no EGS e V contradizendo os achados da Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios de 2003 [21], em que as idosas até 80 anos declararam um estado de saúde pior do que os homens da mesma idade. Após os 80 anos, os homens declararam estado de saúde pior do que as mulheres. Entretanto, as idosas, independentemente da percepção de seu estado de saúde, procuram atendimento médico em maior proporção do que os idosos.

No MEEM as pontuações obtidas pelos participantes foram superiores ao esperado, considerando a escolaridade do grupo. Os idosos da pesquisa apresentaram desempenho adequado nas questões sobre orientação tempo-espacial, memória imediata, capacidade de denominar objetos, seguir ordens verbais e desenhar por meio de cópia dois polígonos em intersecção (resposta escrita). Nota-se um prejuízo, em todas as faixas etárias, em relação à memória de evocação, mais evidente na faixa etária de 71 a 80 anos e mais de 80 anos e entre os analfabetos e analfabetos funcionais. Estes não conseguiram pontuar no item relacionado à memória de evocação. Entre os analfabetos é importante destacar que a privação educacional reflete no desenvolvimento da linguagem, da abstração, da capacidade de conservar quantidades, do pensamento reversível e raciocínio hipotético-dedutivo. Assim, como possuem limitações para abstrair e realizar operações mentais, eles precisam ver, pegar e sentir para

compreender. Seu pensamento está preso às limitações da realidade concreta [27].

Considerando o exposto, propõe-se refletir sobre a estrutura e a aplicabilidade do MEEM aos diferentes níveis de instrução e as limitações cognitivas. Apresentar verbalmente palavras e testar a memória imediata e logo em seguida mostrar os objetos relativos às palavras e testar a memória de evocação, talvez possa causar impacto positivo na pontuação de indivíduos com menos de quatro anos de instrução.

Com o envelhecimento ocorre uma diminuição de neurônios principalmente no córtex cerebral e esta diminuição pode exercer um papel relevante no declínio da memória e das funções cognitivas. Outro fator importante, para compreender o declínio das funções mentais durante a senescência é a presença no cérebro do idoso, mais precisamente no giro do hipocampo, área associada com a memória recente, de placas neuríticas (massas de proteína amilóide situadas entre os neurônios) e de emaranhados neurofibrilares (massas de neurofibrilas no interior do citoplasma neuronal), que em número pequeno parece não alterar as funções celulares. Sabe-se que indivíduos com Alzheimer e Parkinson possuem grande número de placas e emaranhados [30, 34]. Entretanto, verifica-se que as Doenças do SNC não têm impacto significativo nas principais causas elencadas de internações hospitalares de idosos no SUS e causas de mortalidade de idosos, já que ocupam a 10ª posição [21].

É necessário lembrar que para analisar de maneira segura o estado mental atual (estado cognitivo) torna-se importante realizar uma cuidadosa observação da apresentação geral do indivíduo e da história pregressa do nível funcional [15]. A capacidade funcional pode ser avaliada através de depoimentos indicativos de dificuldades ou não, nos cuidados pessoais e nas atividades instrumentais (uso do telefone, transporte, compras, preparação de alimentos, tarefas domésticas, medicação, dinheiro), que podem limitar a independência do idoso na comunidade [15, 30].

Fatores importantes justificaram as pontuações dos participantes no MEEM, tais como: boa aparência; vestimenta adequada, conforme a estação do ano; linguagem, postura e comportamento adequados à idade e a clareza de ideias dos idosos, em relação ao seu passado educacional e suas limitações físicas. Isso revela o quanto é importante na avaliação cognitiva considerar o estado físico, social e a autonomia funcional e não só a pontuação do MEEM de acordo com a escolaridade e a sensibilidade do teste para detecção da demência.

A perda auditiva é um fator desencadeante do zumbido uma vez que danos ou degenerações do sistema auditivo podem ser geradores do zumbido, podendo provocar interferência na concentração e no equilíbrio emocional do indivíduo. Outras causas podem ser atribuídas ao zumbido como doenças otológicas, alterações cardiovasculares, doenças metabólicas, neurológicas, psiquiátricas, fatores odontológicos e possivelmente a ingestão de drogas, caféina, nicotina e álcool, portanto, estes fatores podem incidir de forma associada [23, 29, 33].

Não foi verificada correlação entre a gravidade do zumbido, o sexo e a QV, de acordo com o Teste de Mann-Whitney e Teste de Correlação de Spearman. Admite-se a interferência do zumbido na qualidade de vida, mas a tolerabilidade depende não só das características específicas do zumbido (sensação de frequência, sensação de intensidade, tipo de zumbido, entre outras), mas também do estado afetivo, emocional

e da função mental do indivíduo que o apresenta [3]. Cabe aqui uma ressalva: a presença do zumbido independentemente do grau de severidade merece atenção do sistema de saúde, pois pode ser um indicativo de perda auditiva, gerando impacto na qualidade de vida do indivíduo.

Finalizando a discussão, é importante salientar que, os idosos que compuseram a amostra estão inseridos em um município com um pouco mais de 35 mil habitantes; com um parque industrial denso; com uma cobertura populacional estimada pelas equipes básicas de saúde de quase 100% e com um razoável acesso a média e alta complexidade [7, 20]. Acredita-se que esses fatos, associados à participação em grupos de terceira idade, tenham sido determinantes para os resultados obtidos, uma vez que, a prática de atividades físicas, manuais e convivência social estimulante diminuem a ansiedade, elevam a autoestima e proporcionam bem-estar impactando na QV e até evitando que o zumbido tenha repercussão negativa em suas atividades de vida diária.

Outro ponto importante, diz respeito à SMHS do município, que tem se mostrado receptiva à integração ensino-serviço, autorizando e auxiliando atividades de pesquisa em seus serviços de saúde, pelos pós-graduandos do Programa de Ciências Odontológicas Aplicadas. A Feira da Melhor Idade foi uma ação inédita, entre a SMHS e o Programa de Pós-graduação, com enfoque interdisciplinar e visão multidimensional da atenção à saúde do idoso.

Esperava-se maior adesão dos idosos à Feira e principalmente nas atividades de pesquisa. Acredita-se que algumas situações possam ter interferido na adesão dos idosos, por exemplo, a logística selecionada pelos pós-graduandos, no planejamento da feira e principalmente na coleta de dados para pesquisas. Entretanto, uma situação em particular chamou a atenção e propiciou reflexões entre os pós-graduandos, no quesito adesão. Alguns idosos que se aproximaram da equipe da Feira tinham a expectativa de verificar a pressão arterial e glicemia capilar, porém essas ações não foram oferecidas em todos os dias do evento. Os idosos não expressaram interesse na avaliação da cavidade bucal e na inspeção do meato acústico externo, mesmo após diálogo com os pós-graduandos, relatando que não tinham dentes ou que não ouviam bem devido a idade, por conseguinte, não tinham problemas.

Esse fato tem relação com a percepção do estado de saúde pelo idoso que identifica suas necessidades e as classifica, ou seja, se o idoso, ao perceber seu estado de saúde, classificá-lo como ruim isso acarreta uma demanda, de qualquer natureza, aos serviços de saúde. Dessa forma, se os idosos, ao avaliarem sua saúde, acreditarem que precisam de atendimento médico ou atendimento de saúde especializado, e não de promoção da saúde e prevenção de agravos, eles não irão aderir a programas preventivos e educacionais e muito menos a ações pontuais [21, 22].

A percepção do estado de saúde tem relação direta com o gênero e a idade, que determinam o comportamento em relação à busca por atendimento. As mulheres apresentam maior fidelização a programas preventivos e educacionais do que os homens e buscam mais os serviços da Atenção Básica [18]. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem discute a importância de se compreender as barreiras socioculturais e institucionais para traçar estratégias de promoção do acesso dos

homens aos serviços de atenção primária, principalmente entre a população idosa e entre os idosos mais velhos [10].

Salienta-se que a parceria foi relevante para os pós-graduandos, que vivenciaram a integração ensino-serviço-extensão, trocaram conhecimentos e tecnologias com a sociedade e desenvolveram pesquisas sobre o envelhecimento, no campo de ação dos Determinantes Sociais da Saúde; para a população, que também trocou conhecimentos e tecnologias com os pós-graduandos, e de alguma maneira apreendeu informações e conhecimentos para prevenir ou procurar tratamento adequado para determinado problema de saúde, assim como para o gestor público municipal que terá em mãos informações e evidências para subsidiar políticas públicas, ações de promoção da saúde e de prevenção de doenças, fundamentadas na compreensão de que a situação de saúde dos idosos resulta da interação de múltiplos fatores.

CONCLUSÃO

Cientes das limitações da pesquisa, sem fazer generalizações, pode-se dizer que a análise revelou que o estado de saúde de idosos participantes da feira está intrinsecamente relacionado às condições de vida e trabalho da população. Ressalta-se nessa análise limitações como o tipo de pesquisa; o número de sujeitos envolvidos e a inexistência de outros tipos de estudos com o mesmo referencial teórico e metodológico.

A maior contribuição do estudo relaciona-se a mensuração com instrumentos de caráter multidimensional da QV relacionada à saúde, por avaliadores de diversas áreas do conhecimento, na tentativa de apreender a percepção do indivíduo sobre seu estado de saúde e funcionalidade na perspectiva da interdisciplinaridade e da abordagem integral da saúde da pessoa idosa. Os instrumentos de coleta de dados selecionados abrangeram domínios do estado cognitivo, biológico e socioeconômico tão necessário (e muitas vezes negligenciados) na avaliação do estado de saúde do idoso, na prescrição de cuidados, no delineamento de ações de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos e em estudos de efetividade dessas ações.

REFERÊNCIAS

- [1] ABEP. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de classificação econômica Brasil**, 2010. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Default.aspx>>. Acesso em: 12 fev. 2014.
- [2] AKERMAN, M. et al. Saúde e desenvolvimento: que conexões? In: Campos, G.W.S. et al. **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec; 2007. p. 111-35.
- [3] ALMEIDA, L.D. et al. Vestibulometria em indivíduos com zumbido e exames audiológicos normais. **Rev CEFAC**. São Paulo, v.7, n.3, p.382-387, mai. 2005.
- [4] BERTOLUCCI, P.H. et al. O mini-exame do estado mental em uma população geral: impacto da escolaridade. **Arq. Neuropsiquiatr**. São Paulo, v. 52, n.1, p. 1-7, mar. 1994. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X1994000100001>
- [5] BOGER, M. E. **A influência do espectro de ruído na prevalência de perda auditiva induzida por ruído e zumbido em trabalhadores**. 2007. 72 f.

Dissertação (Mestre em Ciências da Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

- [6] BRASIL. **Lei n. 8.080, de 19 de setembro de 1990**: Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaLegislacao.action>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- [7] BRASIL. Ministério da Saúde. **Índice de Desempenho do SUS (IDSUS)**. Disponível em: <http://189.28.128.182/i3geo/sage/_tabelas/avaliacao/iframe_notas_2011.php>. Acesso em: 25 fev. 2014.
- [8] BRASIL. Decreto nº 6.800 de 18 de março de 2009. Dá nova redação ao art. 2º do Decreto no 1.948, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a **Política Nacional do Idoso**, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, 19 de mar. 2009. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2528%20aprova%20a%20politica%20nacional%20de%20saude%20da%20pessoa%20idosa.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- [9] BRASIL. Ministério da Saúde. **Panorâmico**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2009. 60 p. (Painéis indicadores do SUS, 7, v. III).
- [10] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem** – princípios e diretrizes. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Área Técnica Saúde do Homem. Brasília, 2008. 40p.
- [11] BRUCKI, S.M.D. et al. Sugestões para o uso do mini-exame do estado mental no Brasil. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** São Paulo, v.61, n.3B, p. 777-781, mai. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2003000500014>
- [12] CICONELLI, R.M. et al. Tradução para a língua portuguesa e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida SF-36 (Brasil SF-36). **Rev. Bras. Reumatol. Campinas**, v.39, n.3, p. 143-150, nov. 1999.
- [13] CNS. Conselho Nacional de Saúde. **Relatório final da 10a Conferência Nacional de Saúde**. SUS: construindo um modelo de atenção à saúde para a qualidade de vida. Brasília: Ministério da Saúde; 1996. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_10.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2014.
- [14] CRUZ, M.S. et al. Prevalência de deficiência auditiva referida e causas atribuídas: um estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000500019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 mar. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000500019>
- [15] CURIATI, J.A.E.; GARCIA, Y.M. Aspectos propedêuticos. In: CARVALHO FILHO, E.T.; PAPALÉO NETO, M. **Geriatría: fundamentos, clínica e terapêutica**. 2ed. São Paulo: Atheneu, 2006. p.63-71.
- [16] DIAS, A.; CORDEIRO, R.; CORRENTE, J.E. Incômodo causado pelo

- zumbido medido pelo Questionário de Gravidade do Zumbido. **Rev. Saude Publica**. São Paulo, v. 40, n.4, p. 706-711, ago. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000500022>
- [17] FERREIRA, L.M.B.M.; RAMOS JUNIOR, N.A.; MENDES, E.P. Caracterização do zumbido em idosos e de possíveis transtornos relacionados. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.** São Paulo, v.75, n. 2, p. 245-248, mar. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-72992009000200015>
- [18] FIGUEIREDO, W. Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. **Cien. Saude Colet.** Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 105-109, mar. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000100017>
- [19] GEIB, L.T.C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Cien. Saude Colet.** Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.123-133, jan. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000100015>
- [20] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=350070#topo>>. Acesso em: 12 fev. 2014.
- [21] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sobre a condição de saúde dos idosos**: indicadores selecionados. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/indic_sociosau/2009/com_sobre.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2014.
- [22] IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2008.
- [23] KNOBEL, K.; ALMEIDA, K. **Perfil dos pacientes em terapia para habituação do zumbido (TRT)**. São Paulo, 2000. Monografia (Especialização em Audiologia Clínica) CEFAC-CEDIAU, São Paulo, 2000.
- [24] KONG, K.H.; YANG, S.Y. Health-related quality of life among chronic stroke survivors attending a rehabilitation clinic. **Singapore Med. J.** Singapore, v.47, n.3, p. 213-218, dez. 2006.
- [25] LANDEIRO, G.M.B. et al. Revisão sistemática dos estudos sobre qualidade de vida indexados na base de dados SciELO. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123201100100031&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 fev. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-8123201100100031>
- [26] LEBRÃO, M.L.; LAURENTI, R. Condições de saúde. In: LEBRÃO, M.L.; DUARTE, Y.A.O. **SABE: saúde, bem-estar e envelhecimento**: o Projeto SABE no município de São Paulo: uma abordagem inicial. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2003. p. 73-91.
- [27] LEPRE, R.M.; MARTINS, M.F.A. Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão. In: CAPELLINI, V.L.M.F. (Org). **Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008. p.16-20.
- [28] LIMA, M.G. et al. Health related quality of life among the elderly: a

- population-based study using SF-36 survey. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009001000007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 mar. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009001000007>
- [29] MONDELLI, M.F.C.G.; ROCHA, A.B. Correlação entre os achados audiológicos e incômodo com zumbido. **Arq. Int. Otorrinolaringol.** v.15, n.2, p. 172-180, mai. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-48722011000200009>
- [30] PAPALÉO NETO, M.; KLEIN, E.L.; BRITO, F.C. Avaliação Geriátrica Multidimensional. In: CARVALHO FILHO, E.T.; PAPALÉO NETO, M. **Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica**. 2ed. São Paulo: Atheneu, 2006. p.73-85.
- [31] PIMENTA, F.A.P. et al. Avaliação da qualidade de vida de aposentados com a utilização do questionário Sf - 36. **Rev Assoc Med Bras.** São Paulo, v.54, n.1, p. 55-60, dez. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302008000100021>
- [32] SANCHEZ, T.G. **Zumbido**: estudo da relação entre limiar tonal e eletrofisiológico e das respostas elétricas do tronco cerebral. 1997. 180p. Tese – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- [33] SANCHEZ, T.G. et al. Controvérsias sobre a Fisiopatologia do Zumbido. **Arq. Fund. Otorrinolaringol.** São Paulo, v.1, n.1, p. 2-8, jan, 1997.
- [34] SOUZA, R.R. Anatomia do Envelhecimento. In: CAVALHO FILHO, E.T.; PAPALÉO NETO, M. **Geriatrics: fundamentos, clínica e terapêutica**. 2ed. Editora: Atheneu, 2006. p.35-42.
- [35] SZWARCOWALD, C.L. et al. Socio-demographic determinants of self-rated health in Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, supl. 1, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000700007>

PATRÍCIA RIBEIRO MATTAR DAMIANCE pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Envelhecimento (GREPEN), docente da Universidade do Sagrado Coração (USC) e doutoranda em Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: patricia.mattar@usp.br

ALINE MEGUMI ARAKAWA pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Envelhecimento (GREPEN), professora da Coordenadoria Especial de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina e doutoranda em Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: arakawaaline@gmail.com

ELEN CAROLINE FRANCO pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Envelhecimento (GREPEN) e doutoranda em Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: elen.fono@yahoo.com.br

THÁISA RINO DE FREITAS COELHO mestra em Odontologia em Saúde Coletiva e doutoranda em Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: thaisarino@usp.br

MARISTELA APARECIDA DOS SANTOS DA SILVA mestra em Saúde Coletiva (FOB-USP) e doutoranda em Saúde Coletiva pela Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: marissilva@usp.br

JOSÉ ROBERTO PEREIRA LAURIS doutor em Distúrbio da Comunicação Humana e professor titular do Departamento de Odontopediatria, Ortodontia e Saúde Coletiva da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: jrlauris@fob.usp.br

MAGALI DE LOURDES CALDANA coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Envelhecimento (GREPEN), professora Associada do Curso de Fonoaudiologia e dos Programas de Pós Graduação em Fonoaudiologia e em Ciências Odontológicas Aplicadas da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) – e-mail: mcaldana@fob.usp.br

JOSÉ ROBERTO DE MAGALHÃES BASTOS professor titular da Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo (FOB-USP) e pós-doutorado em Ciências da Saúde da Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa em Portugal – e-mail: zeromaba@fob.usp.br

Co-Labora Incubadora de Empreendimentos Solidários: Experiência de Economia Solidária em Projetos de Extensão Universitária em Ribeirão Preto

Co-Labora Incubator of Solidary Economic Enterprises: Experience of Solidary Economic on University Extension Projects in Ribeirão Preto

RESUMO

Apesar da ausência de políticas públicas no município que incentivassem a formação de empreendimentos econômicos solidários (EES) e que fortalecessem a articulação desses, havia um grupo de professores que atuavam na sociedade no combate à extrema pobreza com projetos de geração de renda. As experiências individuais realizadas em cada área profissional careciam de articulação para alavancar o processo de incubação. Em dezembro de 2013, por meio da Chamada nº 89/2013 MCTI-SECIS-MTE-SENAES-CNPq, foi fundada a Co-Labora, Incubadora de empreendimentos solidários da USP, campus Ribeirão Preto. Assim, formou-se uma equipe de pesquisa e extensão multidisciplinar com professores, alunos (graduação e pós-graduação) das áreas de terapia ocupacional, economia, administração, direito e psicologia para desenvolver serviços tecnológicos às EES. O método de incubação consiste em: formação semanal em economia solidária; visita dos estagiários e supervisor semanalmente aos grupos; reuniões semanais dos supervisores e estagiários; reuniões quinzenais da equipe de docentes e coordenadores; e capacitações específicas com profissionais externos, dada a demanda. A partir desse método temos conseguido fortalecer as cooperativas existentes, incentivar a formação de novas cooperativas, disseminar o conceito de economia solidária nos empreendedores de bairros e apresentar essas iniciativas baseadas em economia solidária para a Prefeitura e várias secretarias públicas.

Palavras-chave: Economia Solidária. Incubadora. Extensão Universitária.

ABSTRACT

Despite the absence of public politics in the county, that would encourage formation of solidary economic enterprises (SEEs) and that would strengthen the articulation of SEEs, there were a group of teachers who worked in society to fight extreme poverty with income-generating projects. The individual experiences in each occupational

PERLA CALIL
PONGELUPPE WADHY
REBEHY, DANIEL
YACOU BELLISSIMO

Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

SAMANTHA GORDO
SANDRIN, REGINA
CÉLIA FIORATI, REGINA
YONEKO DAKUZAKU
CARRETTA

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

area lacked coordination to leverage the incubation process. In December 2013, through the Call No. 89/2013 MCTI-SECIS-MTE-SENAES-CNPq, was founded Co-Labora, an Incubator of solidarity enterprises at USP, Ribeirão Preto campus. Thus, a team of multidisciplinary research and extension faculty, counting with teachers and students (undergraduate and graduate) in the areas of occupational therapy, economics, administration, law and psychology was formed to develop technological services to SEEs. The incubation method consists of: Weekly training in economic solidarity; visit trainees and supervisor weekly to groups; weekly meetings of supervisors and trainees; fortnightly team meetings teachers and coordinators; and specific skills training with external professionals, if there is demand. From this method, we have been able to strengthen existing cooperatives, encourage the formation of new cooperatives, spread the concept of solidarity economy entrepreneurs in neighborhoods and present those initiatives based on solidarity economy philosophy for the City Hall and for various departments of government.

Keywords: Solidarity Economy. Incubator. University Extension.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever a experiência da Co-Labora - Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários (ITES), junto a grupos atendidos: cooperativa de agentes ambientais de resíduos sólidos, grupo de costureiras, produtores de horti-fruti orgânicos de um assentamento, pessoas em vulnerabilidade atendidas pelo programa do governo federal e municipal e, empreendedores locais de um bairro. Essa ação foi incentivada pelo edital do CNPq, por meio do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) em dezembro de 2013.

A metodologia de incubação proposta considerou a experiência de cada membro da equipe no acompanhamento e desenvolvimento de ações junto a grupos, sempre tendo a autogestão e emancipação social como princípios, além de considerar a experiência do Numi-Ecosol/UFSCar, a incubadora que nos apoia no presente edital. Também se considera importante a articulação dos vários atores envolvidos, fortalecendo a interdisciplinaridade e ações intersetoriais.

Os EES estão presentes em todas as regiões do Brasil, totalizando 21.859 empreendimentos em 2.933 municípios, sendo distribuídos entre as regiões da seguinte forma: Nordeste – 43,5%, Sudeste – 18%, Sul – 16,5%, Norte – 12% e Centro-Oeste – 10% [8].

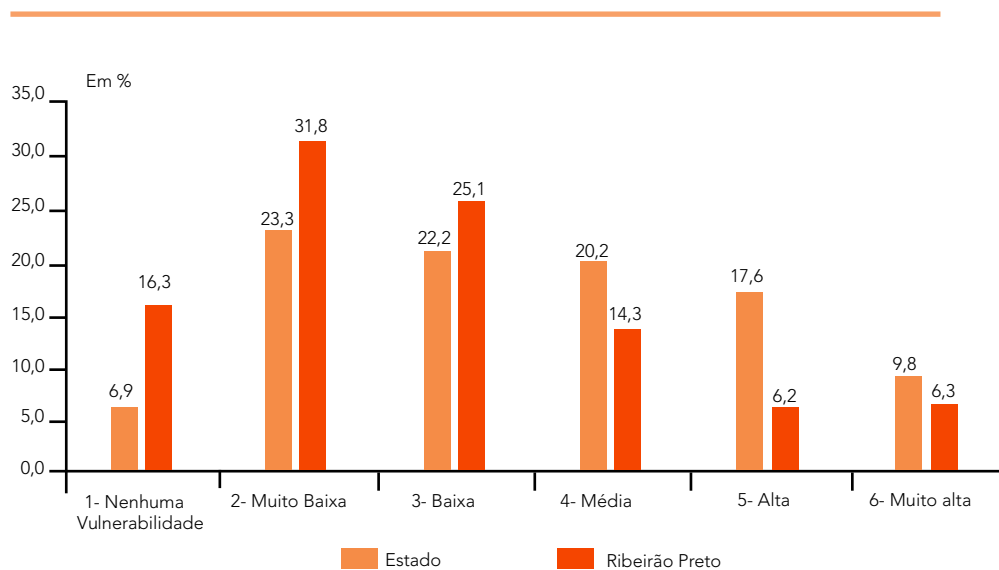
Contudo, estudos apontam dificuldades vivenciadas por esses trabalhadores nos seus processos de produção e gestão, o que resulta em uma inconstância no que se refere à renda, aos processos de geração de tecnologias sociais e políticas públicas que atuem no desenvolvimento sócio econômico dos empreendimentos bem como o fracasso e dissolução de muitos deles. Assim, um dos grandes desafios é atingir a condição de autossuficiência desses empreendimentos. No sentido de colaborar com a viabilização socioeconômica dos EES, constituem-se experiências de incubadoras, muitas vezes vinculadas às Universidades, conforme caso da Co-Labora.

O município de Ribeirão Preto não possuía incubadora de apoio a empreendimentos

econômicos solidários até dezembro de 2013, no entanto há algumas iniciativas dispersas públicas (com algumas ações específicas de docentes da Universidade de São Paulo) e privadas (algumas associações de bairros ou profissionais). De um lado Ribeirão Preto apresenta 604.682 habitantes, sendo 52% mulheres e 46% em idade economicamente ativa (até 60 anos), uma composição do Produto Interno Bruto originária 80% de serviços e 19% da indústria [6]. Por outro lado, a proporção da renda apropriada pelos 20% mais ricos era de 66,2% em 1991, e aumentou para 68,1% em 2000. Esse é um número bastante elevado e confirma a apresentação de taxas de desemprego elevadas entre os intervalos de renda com menor remuneração.

De acordo com o Índice Paulista de Responsabilidade Social, Ribeirão Preto está classificado no Grupo 2, isso significa localidade com bom nível de riqueza que não se reflete nos indicadores sociais, considerando-se principalmente indicadores de longevidade e escolaridade [10]. Por outro lado, o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social, feito com base no censo 2000, revela 27% da população entre vulnerabilidades média à muito alta, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição da População, segundo Grupos do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS, comparando Estado de São Paulo e município de Ribeirão Preto [5].



A partir dos dados da Fundação Seade é possível verificar as características de cada grupo, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Indicadores que compõem o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS de Ribeirão Preto [5].

INDICADORES	ÍNDICE PAULISTA DE VULNERABILIDADE SOCIAL						TOTAL
	1- NENHUMA VULNERABILIDADE	2- MUITO BAIXA	3- BAIXA	4- MÉDIA	5- ALTA	6- MUITO ALTA	
População Total	82.179	160.397	126.413	71.836	31.481	31.773	504.079
Percentual da População	16,3	31,8	25,1	14,3	6,2	6,3	100,0
Domicílios Particulares	27.069	47.645	35.060	19.074	8.484	7.732	145.064
Tamanho médio do Domicílio (em pessoas)	3,0	3,4	3,6	3,8	3,7	4,0	3,5
Responsáveis pelo Domicílio Alfabetizados (%)	99,4	96,5	95,5	93,7	89,17	84,1	95,4
Responsáveis pelo Domicílio com Ensino Fundamental Completo (%)	86,7	50,0	47,6	37,1	26,6	18,4	51,5
Anos Médios de Ensino do Responsável pelo Domicílio	12,3	7,5	7,2	6,1	5,2	4,3	7,8
Rendimento Nominal Médio do Responsável pelo Domicílio (em reais de julho de 2000)	2.906	985	912	593	561	344	1.215
Responsáveis com Renda de até 3 salários mínimos (%)	9,1	33,9	37,1	49,7	54,7	75,9	35,6
Responsáveis com idade entre 10 e 29 anos (%)	12,6	9,1	13,9	21,3	12,9	27,4	13,7
idade média dos responsáveis pelo Domicílio (em anos)	47	50	44	40	47	39	46
Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%)	28,3	29,3	24,9	21,7	24,5	21,1	26,3
Crianças de 0 a 4 anos no Total de residentes (%)	5,3	5,6	8,0	11,1	7,9	13,8	7,6

Em 2003, o Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil criou a Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES para cumprir o objetivo a seguir descrito e a Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto até o momento não apresentou no Plano Municipal ações para estimular a criação de empreendimentos econômicos solidários.

Em consonância com a missão do Ministério do Trabalho e Emprego, tem o objetivo viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária em todo o território nacional, visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário.[11]

Neste contexto nasceu a Co-Labora, uma nova incubadora de empreendimentos econômicos solidários na Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, para apoiar o desenvolvimento de EES. Apesar da ausência de políticas públicas

municipais que incentivem a formação de EES e que fortaleçam a articulação dessas, há um grupo de professores que, na época, desenvolviam ações isoladas na comunidade para combate à extrema pobreza por meio de projetos de geração de renda. Tais experiências realizadas em âmbito mais específico em cada área profissional, por mais que vislumbrando e desenvolvendo esforços no sentido interdisciplinar e mesmo intersetorial, careciam de uma articulação mais significativa para alavancar um processo de incubação mais efetivo junto a esses empreendimentos. Assim, essas pessoas, agora constituindo uma equipe de pesquisa e extensão multidisciplinar formada por técnicos, professores, alunos de graduação e pós-graduação das áreas de terapia ocupacional, economia, administração de empresas, direito, psicologia e sociologia se uniram para desenvolver serviços tecnológicos voltados às necessidades organizacionais dos EES.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esse relato de experiência é descritivo, apontando os avanços das experiências obtidas até o momento por uma incubadora universitária.

DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A descrição tem como ponto de partida a metodologia proposta pela tutora Incubadora Nuni-Ecosol da UFSCar e a incorporação e adequação das nossas ações conforme as demandas dos grupos.

A metodologia de incubação da Co-Labora compreende três fases: pré-incubação, incubação e acompanhamento. A pré-incubação consiste na identificação de uma atividade produtiva comum entre membros de grupos nascentes, apresentação do conceito de economia solidária como base para formação de organizações coletivas, e análise de viabilidade econômica e social do negócio. Durante essa etapa são feitas reuniões semanais com as pessoas interessadas.

A incubação acontece com dois tipos de intervenções: encontros semanais e assessorias. Os encontros são presenciais e discutem-se aspectos de economia solidária; relacionamento entre os membros do grupo; empoderamento dos mesmos; identificação de potencialidades e fragilidades da organização; e utilização de conhecimentos específicos de terapia ocupacional orientados para a emancipação e autonomia de pessoas que, por razões ligadas à problemática específica, físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e/ou sociais apresentam dificuldades na inserção e participação social. Os serviços oferecidos de assessoria são: desenvolvimento de estratégias coletivas de comercialização; captação de recursos públicos e privados para financiamento das atividades sob a forma de microcrédito ou incentivos governamentais; organização do processo de formação de grupos; gerenciamento dos negócios da forma autogestionária; incorporação dos direitos socioambientais no gerenciamento dos ESS e nos produtos e serviços comercializados por essas; conhecimento das modalidades jurídicas para formalização do empreendimento (cooperativa, associação,

rede); conhecimento dos regimes fiscais para apuração dos tributos/impostos devidos; conhecimentos dos direitos e deveres previdenciários com objetivo de garantir qualidade de vida também na fase não operativa; direitos humanos e constitucionais; cidadania; qualidade de vida no trabalho; e cuidados com higiene pessoal. Essas atividades de assessorias são realizadas fora dos encontros presenciais, pois exige que nossa equipe pesquise sobre o assunto, entenda a cadeia produtiva em que estão inseridos e retornem outro dia da semana para validar e assessorá-los na implementação. Assim eles se apropriam do conhecimento para realizá-lo de maneira autônoma, na próxima oportunidade.

E após cerca de dois anos de incubação (avaliado em cada caso), a organização passa para o período de acompanhamento, onde são propostos alguns indicadores qualitativos e quantitativos que apontam o progresso na consolidação em rede de economia solidária, na inserção de uma cadeia produtiva existente e no relacionamento com o poder público.

O objetivo da incubadora é proporcionar sustentabilidade aos EES, tendo em vista que, quando esses atuam sem apoio, a maioria deles apresenta dificuldades no alinhamento do grupo, nas discussões de interesses individuais, na dificuldade de colocação dos produtos no mercado consumidor, na arrecadação dos tributos devidos, no atendimento das necessidades do grupo frente às individuais, entre outros. Dado a fase embrionária em que se encontra a economia solidária no município de Ribeirão Preto, essa sustentabilidade seria alcançada por meio de ações coletivas em três níveis: ações da Incubadora, descritas no parágrafo anterior, de forma a garantir, em determinado momento, a autonomia organizacional e a viabilidade econômico-financeira; apoiadores da sociedade (conselhos profissionais, vereadores, especialistas na área, associações de bairros); e políticas públicas que incentivem e fortaleçam a economia solidária.

As metodologias participativas de intervenção vêm se demonstrando um bom caminho de intervenção junto aos grupos sociais, inclusive aqueles com finalidade de geração de trabalho e renda. Nessa perspectiva, as ações se realizam em grupos, com o intuito de ultrapassar a transmissão de conhecimentos técnicos, de buscar a constituição de espaços facilitadores da reflexão e de tomada de consciência da forma como se organizam cotidianamente. Pauta-se na compreensão de que os trabalhos realizados em grupos apresentam maiores possibilidades de êxito no que se refere à adoção de novas atitudes e práticas [12].

A partir desse mesmo método de incubação tem-se obtido os resultados descritos a seguir.

Cooperativa de catadores de resíduos sólidos

A região dos bairros Branca Salles, Monte Alegre e Parque Ribeirão, dentre outros bairros da região Oeste de Ribeirão Preto é caracterizada como zona de vulnerabilidade social na cidade, apresentando altos índices de catadores individuais de materiais recicláveis pelas ruas. A Cooperativa foi fundada em 2005, mas passou a ser atendida

pela Co-Labora ITES no início de 2014. Na fase de incubação passou-se a visitar este grupo duas vezes por semana – uma para realização de formação em aspectos diversos demandados pelo grupo em conformidade com a economia solidária; outra para acompanhamento e assessoria nas necessidades correntes da cooperativa, sejam elas jurídicas, de gestão ou de coesão no grupo. No início da atuação da Co-Labora, em 2014, percebeu-se que o grupo apresentava ainda uma importante dependência em relação aos seus apoiadores externos tanto quanto do poder público – representado principalmente pela secretaria de assistência social. O grupo não apresentava uma formação relevante em Economia Solidária e os elementos adjuntos – como a autonomia, empoderamento, integração e coesão do grupo, autogestão, controle e organização administrativa, dentre outros. Atualmente a incubação da Co-Labora procura desenvolver uma cultura influenciada pelos princípios da economia solidária, bem como, valores e práticas vinculadas a essa filosofia, tais como: autonomia do grupo, autogestão, horizontalidade e democracia na gestão, entre outros.

Projeto Renascer das Águas do Aquífero Guarani

O projeto, constituído por membros do Assentamento Mário Lago (MST), em Ribeirão Preto-SP, no bairro Jardim Mário Lago, Zona Norte da cidade, visa à recuperação do solo e da reserva de água da região, desgastado pela ação erosiva da monocultura mantida por muitos anos na região.

Uma das maneiras de atuar por tal recuperação ambiental e também pela subsistência alimentar e financeira dos assentados (agricultores familiares) é realizar o sistema agroflorestal (SAF) nos lotes. Um dos objetivos do projeto é realizar tal fortalecimento da produção agroflorestal, através da capacitação e apoio a 80 agricultores. A meta é a conversão de 60 hectares de terra em espaços que aliam a produção de alimentos à conservação ambiental.

Com mais de 30 anos de história, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra tem larga experiência no que diz respeito a trabalhos em grupo e a participação popular na construção de projetos visando à luta pela melhoria nas condições de vida de sua população.

Uma das premissas do projeto é a participação dos consumidores de forma ativa em busca dos produtos provenientes da agrofloresta, inclusive realizando visitas e reuniões no assentamento, caminhando para um consumo consciente e uma economia solidária (os membros do projeto têm consciência de seus preceitos).

Esse projeto tem várias frentes e grupos de trabalho – Implantação e Produção, Administrativo-Financeiro, Divulgação, Comercialização e outras – assim, o papel da Incubadora tem sido paulatinamente se inserir nas discussões realizadas entre seus membros (reuniões coletivas semanais de planejamento), com a consciência humilde de que necessita aprender com tal movimento, além de realizar intervenções de assessoramento conforme demanda. A ação da Incubadora Co-Labora tem sido proposta para o apoio técnico para a comercialização dos produtos, a saber: busca por orçamentos, cotações de preços, material para comunicação e divulgação pública.

Rede de Empreendedorismo Solidário do Monte Alegre

No bairro Monte Alegre, próxima a campus USP de Ribeirão Preto, situa-se a COVI-MAI, a Associação de Moradores dos Bairros da Vila Monte Alegre e Alto do Ipiranga. A associação, há mais de 30 anos, defende os interesses da comunidade perante o poder público, tanto quanto organiza projetos de cunho transformador da realidade local. Um dos projetos, recentemente sem atividade, era de alfabetização, realizada pela organização AlfaSol*, nacionalmente conhecida.

Inicialmente, houve a intenção manifesta por uma pessoa conhecida dos diretores da associação, de que fosse formado um grupo de geração de renda utilizando-se os espaços e as influências da associação. Tal grupo deveria se organizar em torno de preceitos de capacitação e cooperação, e se daria com microempreendedores individuais (MEI), mapeados na região com principal influência na área de alimentação. A ação da *Incubadora Co-Labora* tem se desenvolvido na perspectiva de trabalhar a formação e coesão grupal e os princípios da economia solidária para a gestão de empreendimentos de geração de renda local.

Projeto Talentos

O *Projeto Talentos* foi inaugurado através de uma iniciativa apoiada pela Associação Programa de Mãos Estendidas (de direito privado, sem fins econômicos), buscando capacitar mulheres, jovens e adultas, para a geração de renda, no segmento de corte e costura. O foco deste projeto englobou mulheres sem ofício e que tinham interesse no aprendizado de uma nova atividade, com objetivo final de geração de renda.

Das doze mulheres participantes inicialmente, apenas seis deram seguimento ao grupo, produzindo produtos como: bolsas, carteiras, roupas, jogo americano, entre outros, sendo os mesmos vendidos em eventos beneficentes ou mesmo em bazares realizados no próprio espaço do *Programa de Mãos Estendidas* e do *Projeto Talentos*.

Após a finalização do curso, o grupo contou com a presença de alguns voluntários, atuando como “professores” do grupo, com intenção de acompanhá-lo na produção, ensinando novas técnicas de costura. No entanto, mesmo com esse acompanhamento, a dificuldade em relação à comercialização de seus produtos permaneceu, além de algumas outras questões mais relacionadas com a dinâmica do grupo propriamente dita.

Dessa forma, em 2014, o grupo passou a ser acompanhado pela *Incubadora Co-Labora*, que se apresentou com o objetivo de auxiliar na organização da produção, comercialização e dinâmica interna do grupo. A incubação da *Co-Labora* se desenvolve no sentido de apoiar a autonomia do grupo, o fortalecimento da coesão grupal, as decisões que envolvem a produção e as formas de comercialização e a gestão da renda produzida.

* A Alfabetização Solidária (AlfaSol) é uma entidade da sociedade civil criada em 1996 com a missão de disseminar e fortalecer o desenvolvimento social por meio de práticas educativas sustentáveis. Com um modelo simples de alfabetização inicial, inovador e de baixo custo. Baseada no sistema de parcerias com os diversos setores da sociedade, a Organização trabalha pela redução dos altos índices de analfabetismo no país. Até o final de 2010, a AlfaSol registrou o atendimento de 5,5 milhões de alunos em 2.205 municípios brasileiros, além da capacitação de 257 mil alfabetizadores. Um trabalho que, até 2010, contou com a parceria de 162 empresas e 41 Instituições de Ensino Superior (IES).

CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial a Usuários de Álcool e Outras Drogas)

O CAPS AD é um serviço que oferece atendimento especializado para pessoas em uso abusivo de álcool e outras drogas, por equipe multidisciplinar. O objetivo principal do CAPS AD é oferecer atendimento à população, contando com atividades terapêuticas e preventivas, atenção ambulatorial diária, atendimento individual, atendimentos em grupo ou oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, condições para o repouso dos usuários, desintoxicação ambulatorial e reabilitação psicossocial. Dentre os campos profissionais componentes da equipe multidisciplinar, está a Terapia Ocupacional, que realiza trabalhos de grupo e em parceria com outros profissionais desta equipe.

A partir de 2014, o Curso de Terapia Ocupacional da FMRP-USP, integrando a Co-Labora ITES e através das atividades de estágio profissionalizante do curso no CAPS AD apresentou a proposta de formação de um grupo, de geração de renda. Sendo assim, a divulgação de tal iniciativa se deu pelo estagiário da Terapia Ocupacional, convidando os usuários do serviço para uma reunião, na qual foi apresentada a proposta e sobre a filosofia da economia solidária.

Neste momento, um grupo de seis usuários mostrou-se interessado na proposta. Assim, começaram a discussão e experimentação de atividades, com base no histórico de ocupações dos usuários, com objetivo final de definir qual seria o ofício do grupo. Eles escolheram uma cooperativa de serviços, já que muitos tinham experiências anteriores na área de construção civil, jardinagem, pintura, entre outros.

Assim, os encontros tem sido para criação de um regimento interno, divulgação da “cooperativa” e compra de materiais para início dos serviços. Para essa aquisição está sendo elaborado um projeto de captação de recursos para compra de materiais para que os usuários possam começar a prestação de serviços.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As metodologias de incubação utilizadas pela Co-Labora tem procurado abarcar aquelas preconizadas pela filosofia da economia solidária guiando-se pelos valores da autogestão, solidariedade, cooperação, democracia, autonomia e empoderamento, participação e aumento da coesão social e comunitária para fortalecimento de redes sociais de suporte locais e nos territórios envolvidos. Assim, a incubadora não tem focado suas ações apenas na geração de renda, mas também na geração de capital social para os grupos envolvidos, especialmente no que diz respeito à autonomia dos grupos e das pessoas que os compõem na perspectiva de poderem tomar as decisões necessárias à sua manutenção e desenvolvimento sem coerções de setores dominantes, chefias ou patronatos, assim como tem procurado empoderar os grupos e pessoas, no sentido de fazer com que se conscientizem de que podem e devem lutar por direitos sociais e políticos, tomar parte nas deliberações políticas e econômicas da sociedade municipal e em outras esferas.

Os Estágios de Vida dos Incubados

Como a Co-Labora é nova e a comunidade não a conhecia, os grupos atendidos foram convidados a receberem esse apoio por meio do processo de incubação. Em quatro deles os professores atuavam anteriormente, mas com outra forma de apoio, normalmente com projetos de extensão restritos às Unidades e um deles foi estimulado a partir de um novo contato.

Tabela 2 – Tempo de vida dos incubados

INCUBADOS	ESTÁGIO DE VIDA
COOPERATIVA MÃOS DADAS	Foi criada em 2005 a partir de um grupo da assistência social, atentos às necessidades dos catadores, realizou um processo de organização unindo-os pelo propósito de atingirem melhores condições em torno de uma cooperativa.
PROJETO “RENASCER DAS ÁGUAS DO AQUÍFERO GUARANI”	É um dos assentamentos do Movimento dos Sem Terra (MST) na cidade de Ribeirão Preto, ocupado em 2003.
REDE DE EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO DO MONTE ALEGRE	Estágio nascente, ainda não constituído como grupo, mas recebendo curso de formação em economia solidária desde maio de 2014.
PROJETO TALENTOS	O Projeto Talentos foi inaugurado em 2012 a partir de uma iniciativa apoiada pela “Associação Programa de Mãos Estendidas” (de direito privado, sem fins econômicos), buscando capacitar mulheres jovens e adultas para geração de renda, no segmento de corte e costura.
CAPS AD (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS)	Esse grupo foi constituído em abril de 2014, a partir das iniciativas de formação em economia solidária da Incubadora Co-Labora.

Assim como se pode observar na Tabela 2, a rede de empreendedorismo solidário do Monte Alegre é o novo integrante. Já o CAPS AD, apesar do grupo de geração de renda ter surgido em maio de 2014, as professoras da terapia ocupacional trabalham com a Secretária de Saúde desde o 2º semestre de 2013. Os grupos estabelecidos há mais tempo, apesar de realizarem várias atividades de maneira independente, demandam a participação da incubadora em pontos específicos, como negociação de contratos, parcerias com o poder público, apoio na captação de recursos. Por outro lado trazem a rigidez dos antigos processos.

Etapas na Metodologia de Incubação Co-Labora

Tabela 3 – Etapas do processo da incubação

MÉTODO DE INCUBAÇÃO	INCUBADOS
PRÉ-INCUBAÇÃO	Rede de Empreendedorismo Solidário do Monte Alegre, CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial a Usuários de álcool e outras drogas)
INCUBAÇÃO	Cooperativa Mãos Dadas, Projeto Talentos, Projeto Renascer das Águas do Aquífero Guarani
ACOMPANHAMENTO	--

A pré-incubação é um estágio delicado onde a incorreta identificação de oportunidade de trabalho ou fraca atuação do interventor pode levar a não adesão do grupo e à insustentabilidade do negócio. O tempo demandado pelo grupo é menor, o que significa um período maior para concretização. Já os grupos que estão em processo de incubação, as formações semanais e assessorias, aumentam o vínculo, o que também proporciona maiores avanços.

Outros Apoiadores: Poder Público e Privado

Os grupos são atendidos pela incubadora, mas também contam com apoio de outros agentes, públicos e privados. Ao observar a Tabela 4, é possível concluir que dois deles são projetos relacionados com as secretarias do municípios (Cooperativa Mãos Dadas é um projeto da assistência social, e CAPS AD está sendo desenvolvido dentro dos atendimentos da secretaria da Saúde). O Assentamento tem apoio do Governo Federal, mas esse não tem atuação local e nem interferência no nosso processo de incubação, diferentemente da Mãos Dadas que além de ser um projeto da assistência municipal conta com apoio de organizações privadas (Coca-Cola, Instituto Brasileiro de Reciclagem do Pão de Açúcar) e outros atores institucionais.

Tabela 4 – Apoiadores dos grupos atendidos.

INCUBADOS	APOIADORES
COOPERATIVA MÃOS DADAS	A USP já há alguns anos desempenha papel de apoio à cooperativa, seja através do USP Recicla, atividades de assessoria jurídica do NAJURP (Núcleo de Assessoria Jurídica/USP), e atividades de assessoria em gestão do PICE Cooperativas (Programa de Capacitação Empreendedora). Ela é um projeto da Secretária da Assistência Social, portanto apoiado com cestas básicas, transporte dos membros, pagamento de água, luz, telefone e prédio emprestado. Há um grupo gestor que também o apoia, formado por atores públicos (Ministério Público, Defensoria) e privados (Coca-Cola, Banco do Brasil, e Faculdades Moura Lacerda).
PROJETO “RENASCER DAS ÁGUAS DO AQUÍFERO GUARANI”	Idealizado e realizado como uma parceria entre o Centro de Formação Sócio-Agrícola Dom Helder Câmara e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, o projeto pretende comercializar 400 toneladas de produtos agroflorestais em dois anos. Recebe também apoio federal.
REDE DE EMPREENDEDORISMO SOLIDÁRIO DO MONTE ALEGRE	Tem no momento apoio somente da COVIMAI – Associação de Moradores dos Bairros da Vila Monte Alegre e Alto do Ipiranga.
PROJETO TALENTOS	Esse projeto foi cadastrado como um DRS (Desenvolvimento Regional Sustentável) do Banco do Brasil, assim, recebeu curso de corte e costura oferecido em uma sala do Programa Mãos Estendidas, e maquinário doado ao grupo pela Fundação Banco do Brasil.
CAPS AD (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS)	Recebe apoio da equipe de profissionais do CAPS AD que disponibilizam horário entre os atendimentos terapêuticos priorizando toda ação que faça inclusão social pelo trabalho e da administração que disponibiliza o espaço físico para as reuniões e assembleias.

Ações Realizadas e Resultados Alcançados

Em relação à Cooperativa Mãos Dadas, a incubação realizada pela Co-Labora objetiva resgatar os elementos fundamentais para a sustentabilidade no longo prazo deste grupo, e realizar atividades que promovam empoderamento de seus cooperados, de forma que a participação de todos facilite com que as tarefas administrativas e ações decisórias não se limitem às pessoas da diretoria, o que é bastante comum no modelo hegemônico existente em nossa

sociedade hierarquizada e de organizações baseadas na heterogestão – gestão realizada pelo outro, ou seja, há uma hierarquia na tomada de decisões, na escolha das ações a serem executadas e no nível de informação que cada indivíduo recebe [13].

Os resultados podem ser enunciados, em termos de relacionamentos interpessoais e resultados financeiros concretos: busca de fontes alternativas de financiamento para construção de uma nova central de triagem; maior poder de negociação e diálogo frente às instâncias públicas; realização de reuniões para ouvir seus membros e trocar informações entre a diretoria e cooperados; e aumento da renda mensal distribuída. Continuam os desafios de ampliar a participação de todos os cooperados no processo decisório, de lutar por uma política pública municipal que ofereça apoios importantes para o desenvolvimento desta cooperativa, diálogo e convergência de interesses e objetivos entre os apoiadores. Neste contexto, com certeza, a incubação feita de maneira próxima e aberta às necessidades do grupo, mostra-se de relevância fundamental.

No que diz respeito à Rede Monte Alegre o pressuposto para esse trabalho é que o desenvolvimento local pode ser alcançado via estímulo à formação de redes entre empreendimentos solidários, através de seu fortalecimento mútuo e de sua atuação em prol da comunidade [7].

Sendo assim, o trabalho desempenhado tem sido a formação de um grupo de capacitação e incentivo ao empreendedorismo, cooperação, trocas constantes de experiência, formação de parcerias e criação de ambiente favorável a novos empreendimentos, entre outros. Semanalmente uma reunião é realizada, com temas que tangem à economia solidária e a gestão de empreendimentos, de maneira a envolver o grupo em uma mesma sintonia rumo à realização segura de seus projetos de geração de renda.

Em todos os momentos, é incentivada a palavra de ordem clichê que o próprio grupo compreendeu traduzir seu propósito: “A união faz a força”. Apesar de estar em seu início, com dois meses de trabalho, e com dificuldades para envolver de maneira comprometida e assídua todos os membros que participaram das reuniões (em torno de 25 pessoas em reuniões distintas), o grupo vem se mostrando relevante para os participantes e para a associação, já que o objetivo de todos é alinhar o crescimento individual com o desenvolvimento da comunidade.

As ações referentes ao *Projeto Talentos* têm procurado apoiar a organização da produção, no sentido de pensar conjuntamente nas melhores estratégias de produção, escalas de trabalho, tipos de produtos produzidos, materiais utilizados, entre outros. Em relação à comercialização, o objetivo é apresentar canais de comercialização diversos, refletindo sobre aspectos positivos e negativos de cada um. Em relação à dinâmica do grupo, o objetivo seria o de empoderar as participantes do mesmo, para que no futuro elas estivessem capacitadas para tomar as próprias decisões e coordenar, coletivamente, este empreendimento. A etapa inicial de grande importância à dinâmica do grupo foi a elaboração de um regimento interno, sendo esse alterado ao longo do tempo segundo as experiências e adesão do próprio grupo.

No momento atual, o foco de ação da incubadora está sendo a pesquisa de canais de comercialização, bem como a organização da produção. O empoderamento do

grupo como todo e de cada membro participante dele é trabalhado desde o início, mas é sendo entendido como um processo contínuo feito através da formação do grupo em economia solidária, dinâmicas grupais e conversas que busquem trazer todos os membros do *Projeto Talentos* para a liderança.

No *Projeto Aquífero* até o momento, a principal questão alinhada entre as duas partes é a participação da incubadora no grupo de trabalho de comercialização que ainda ocorre de forma incipiente, principalmente porque depende do prazo necessário para a produção, já que o sistema agroflorestal exige um tempo de preparação e desenvolvimento do solo.

As ações têm sido especificamente na busca por orçamentos, cotações de preços para materiais de comunicação (conforme edital do governo federal), descoberta de mecanismos e formas de divulgação para o público-alvo.

No CAPS AD, neste momento um grupo de seis usuários mostrou-se interessado, de fato, na proposta. Assim, já com o grupo formado, começaram a discussão e experimentação de atividades, com base no histórico de ocupações dos usuários, com objetivo final de definir qual seria o ofício do grupo. No início, os usuários selecionaram algumas atividades artesanais para experimentação. No entanto, após a realização de alguns grupos de atividades, os usuários refletiram sobre o trabalho que realmente gostariam de realizar, sendo decidido por uma cooperativa de serviços, já que muitos tinham experiências anteriores na área de construção civil, jardinagem, pintura, entre outros.

A metodologia de incubação seguida com este grupo segue uma abordagem participativa, através de dinâmicas de grupo, discussão de temas relevantes ao fortalecimento da coesão grupal e funcionamento de práticas de geração de renda e trabalho segundo a economia solidária tais como: práticas autogestionárias nas relações de trabalho, valores e atitudes grupais e interpessoais apoiadas na cooperação, no apoio mútuo frente às recaídas e crises psicossociais vivenciadas e características dos integrantes do grupo incubado, pois são pessoas em uso prejudicial de substâncias psicoativas, portanto incentiva-se a criação de um sistema de suporte social recíproco frente às recaídas e crises, sem reproduzir práticas reacionárias e punitivas, típicas das relações de trabalho e modo de produção capitalista. Da mesma forma, busca-se o desenvolvimento de atitudes de responsabilidade para com o grupo, necessárias à produção de coesão, autonomia e liberdade do grupo.

Portanto, acredita-se que, com base nas experiências de incubação e fomento a empreendimentos solidários de geração de renda e redes sociais de suporte, ainda embrionárias, mas com demonstrativos exitosos, a Co-Labora vem contribuindo efetivamente para a redução da vulnerabilidade social de parcelas da população, para a redução das injustiças e iniquidades vividas por estes grupos e para a elaboração de metodologias de enfrentamento à pobreza no país.

Atualmente está sendo elaborado um projeto de captação de recursos para compra de materiais para que os usuários possam começar a prestação de serviços. Concomitante a isso, ainda está sendo finalizado o regimento interno, que ao longo das reuniões foi sofrendo algumas alterações.

Efeitos na Comunidade

Percebe-se uma mudança constante que alcança não apenas a situação do grupo, transcendendo para a vida do sujeito. Com a possibilidade de geração de renda, o indivíduo se sente mais respeitado, mais forte e empoderado para se relacionar com a sociedade em que vive. A autogestão possibilita que eles assumam responsabilidades e se sintam igualmente importantes em determinada situação, o que favorece a autoestima. Eles passam a refletir mais sobre o que querem do trabalho, da vida, o que esperam da sociedade, da comunidade em que vivem, passando a dispor de cidadania, por vezes camuflada frente às tantas desigualdades sociais. De forma geral, isso tem causado um impacto na comunidade circundante aos grupos, já que esses indivíduos são parte de um todo, e à medida que mudam, levam a mudança para o coletivo. Percebe-se um grande sentimento de solidariedade deles em relação à comunidade, uma vez que se veem na responsabilidade de compartilhar os conhecimentos adquiridos, de envolver toda a comunidade nesse sentimento de poder, de decisão, de reflexão, de expectativa de mudança. Assim, essa transformação acontece em cadeia, começando um a um no próprio grupo incubado, passando desses para os mais próximos a eles, e assim por diante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vulnerabilidade social de populações mundiais tem seu aumento com o declínio dos Estados de Bem Estar Social, e a ascensão da orientação econômico-política neoliberal, a partir da qual se assiste ao fim dos sistemas de proteção social, que se pretendiam, por meio de estratégias negociadas entre os polos sociais interessados, levar a aceitarem objetivos sensatos e compromissos mútuos que garantissem a estabilidade do sistema social através de políticas sociais distributivas e manutenção das relações de trabalho estáveis. Porém, com o neoliberalismo a seguridade social é deixada de ser tarefa do Estado e a crise dos Estados-Providência é representada pela crise da solidariedade, da coesão social, ampliada pela transformação das relações entre a economia e a sociedade (a crise do trabalho) e dos modos de constituição das identidades individuais e coletivas [3, 14].

No Brasil, a persistência de grupos e pessoas em exclusão social e pobreza em determinados territórios eleva os índices de vulnerabilidade social, com exclusão ou difícil acesso desses sujeitos aos serviços e equipamentos públicos, aos bens materiais e imateriais, e a oportunidades que permitem a reprodução da vida em um patamar de dignidade. A exclusão ou o difícil acesso à renda, trabalho, educação, habitação, transporte e mobilidade, cultura, lazer, meio ambiente sustentável e a redes de suporte social leva a persistirem iniquidades sociais em nível dos territórios periféricos urbanos, localidades geográficas e culturais distantes dos centros urbanos de grandes e médias cidades brasileiras [9].

O debate em relação à pobreza no Brasil está longe de ser esgotado, movido pela perturbação e o desconforto com os elevados índices de desigualdade social, esse debate passa a mobilizar cada vez mais a arena pública para a complexa discussão acerca dos horizontes e das políticas de combate à desigualdade e à pobreza no país[4]. Neste sentido, estratégias de enfrentamento à vulnerabilidade social e erradicação da pobreza apresentam-se como relevantes e necessários.

Segundo Singer[13], o cooperativismo, na filosofia da economia solidária, constituiu-se como resposta ao desemprego e à exclusão social e à crise das formas tradicionais do trabalho a partir da mundialização da economia capitalista. Temos então, que o movimento de economia solidária tem abrangência mundial. No contexto brasileiro, um marco importante do reconhecimento político da economia solidária e o início de políticas públicas nesta direção, é a criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), que ocorreram em 2003. Desde então se verificou avanços nas políticas setoriais, a exemplo dos setores que discutem trabalho e renda, desenvolvimento social, desenvolvimento territorial, entre outros. Um exemplo das ações atuais do SENAES é a implementação do *Programa Economia Solidária em Desenvolvimento*, cujo objetivo é o fortalecimento e a divulgação da economia solidária. Avanços também ocorrem nas esferas estaduais e municipais. Exemplos de iniciativas criadas são os bancos do povo, empreendedorismo popular solidário, capacitação, e centros populares de comercialização [1, 2].

Um dos frutos dessa política foi a realização da I Conferência Nacional de Economia Solidária (CONAES) em 2006 e a II Conferência em 2010, concretizando a participação dos segmentos envolvidos, desde o nível municipal, estadual e federal. A III Conferência está sendo organizada.

Considerando a relevância nacional que a economia solidária possui, a *incubadora Co-Labora* compreende a importância da sua inserção no movimento nacional. Assim, é membro da Rede Sudeste de incubadoras universitárias de cooperativas populares, e com vistas à participação na Rede Nacional. Por outro lado entendendo o seu papel em nível municipal, a *incubadora Co-Labora* participa da organização do Fórum Municipal de Economia Solidária, com propósito de criar espaços de articulação entre vários empreendimentos solidários, discutindo potencialidades, desafios e propostas para fortalecimento da economia solidária no município e região.

Enquanto um projeto acadêmico busca-se a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, para que o conhecimento gerado possa trazer contribuições para a sociedade, além da formação para graduandos, pós-graduandos, docentes e demais profissionais. Nesse sentido, a Co-Labora ITES tem colocado-se como impulsionadora dessa filosofia e, ao apoiar essas iniciativas, vem contribuindo efetivamente para enfatizar a solidariedade como um fundamento ético que orienta a formação de redes para inclusão social pelo trabalho, implicando em responsabilidade social e conciliação de interesses comunitários por meio da participação de atores e organizações sociais e da incubação de iniciativas de empreendimentos solidários dentro das finalidades da busca de enfrentamento à vulnerabilidade social e geração de renda e oportunidades

em nível dos territórios.

REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL. Secretaria Nacional de Economia Solidária. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/a-economia-solidaria/>>. Acesso em 23/09/2014.
- [2] II CONAES – **Conferência Nacional de Economia Solidária: Pelo direito de produzir e viver em cooperação de maneira sustentável**. Documento Final. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D36A28000013731C8C25D7CEE/II_coanes_documento_final.pdf>. Acesso em 23 set 2014.
- [3] DOMINGUES, L.H. **Políticas sociais em mudança: o Estado, as empresas, e a intervenção social**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2005.
- [4] HENRIQUES, R. Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza no Brasil. In: NOLETO, MJ; WERTHEIN, J (Orgs). **Desigualdade e pobreza no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social**. Brasília: UNESCO, 2003.
- [5] IBGE. **Censo Demográfico**. Fundação Seade, 2000.
- [6] IBGE. **Dados do PIB**. 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/resultado.php?consulta=pib>>
- [7] MEDEIROS, A.C.; CUNHA, E.V., MATOS, M. M. de. **Economia Solidária e Desenvolvimento Local: A Prática dos Empreendimentos Econômicos e Solidários na Região do Cariri Cearense**. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social - ENAPEGS. São Paulo, 2012.
- [8] MTE. **Cadastro dos empreendimentos econômicos solidários**. 2006. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/cadastro-nacional-de-empreendimentos-economicos-solidarios/>>.
- [9] SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- [10] SEADE, Fundação. **Índice paulista de vulnerabilidade social**. 2013. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/indice-paulista-de-vulnerabilidade-social-ipvs-versao-2010/>>
- [11] SENAES. **Apresentação SENAES**. 2013. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/secretaria-nacional-de-economia-solidaria/>>
- [12] SILVA, R.C. **Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania**. São Paulo: Vetor, 2002.
- [13] SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- [14] SORJ, B.; MARTUCCELLI, D. **O desafio latino-americano: coesão social e democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

PERLA CALIL PONGELUPPE WADHY REBEHY docente da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEARP-USP) e coordenadora da Co-Labora ITES – perla@usp.br

DANIEL YACOU BELLISSIMO bolsista DTI-C do CNPq para atuação como supervisor na Co-Labora ITES e mestrando na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEARP-USP)

SAMANTHA GORDO SANDRIN bolsista DTI-C do CNPq para atuação como supervisora na Co-Labora ITES e graduada em Terapia Ocupacional pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP)

REGINA CÉLIA FIORATI docente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) e professora membro da Co-Labora ITES

REGINA YONEKO DAKUZAKU CARRETTA docente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) e professora membro da Co-Labora ITES

Darwin na Escola: Relato de Uma Experiência de Divulgação Científica

Biological Evolution In School: An Experience Of Communication And Dissemination Of Scientific Culture

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar as experiências de um projeto de extensão que buscou estimular o interesse de estudantes do ensino médio pela teoria da evolução biológica, popularizando os conceitos-chave das ideias promulgadas por Charles Darwin (1859). As ações do projeto foram: (1) conhecer, por meio da aplicação de questionários, a percepção que estudantes do ensino médio e seus professores de Biologia apresentam sobre ciência e a teoria da evolução biológica; (2) promover mostras científicas por meio da oferta de oficinas e minicursos nas escolas públicas. Os resultados indicam que as percepções dos estudantes e professores do Ensino Básico, em relação à ciência e à teoria da evolução biológica, são otimistas e positivas, e as crenças pessoais não parecem influenciar em seus posicionamentos sobre o tema. O estudo das percepções de estudantes e professores forneceu subsídios na definição de “o que, para quem e como comunicar” temas científicos no espaço escolar. Assim, seguiu-se a segunda etapa deste projeto – a elaboração e execução de oficinas para estudantes do ensino básico – que resultou em novas oportunidades, para os envolvidos, de reconstruir a relação e atribuir valores a ciência.

Palavras-chave: Cultura Científica. Divulgação. Educação Científica. Evolução Biológica.

ABSTRACT

The objective of this paper is to report the experiences of an extension project that aimed to stimulate the interest of high school students by the theory of biological evolution, popularizing the key concepts of the ideas promulgated by Charles Darwin (1859). The project's actions were: (1) known, by means of questionnaires, the perception that high school students and their biology teachers have on science and the theory of biological evolution; (2) promote science exhibitions by offering

GRACIELA DA SILVA
OLIVEIRA

Universidade Federal
do Mato Grosso. Instituto
de Biociências, Mato
Grosso, Brasil

workshops and short courses in public schools. The results indicate that the perceptions of students and teachers of basic education in relation to science and theory of biological evolution, are optimistic and positive, and personal beliefs do not seem to influence in their positions on the subject. The study of the perceptions of students and teachers provided information on the definition of “what, for whom and how to communicate” scientific subjects at school. So was followed by the second stage of this project – the development and implementation of workshops for students of basic education – which resulted in new opportunities for those involved, to rebuild the relationship and assign values to science.

Keywords: Scientific Culture. Disclosure. Science Education. Biological Evolution.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências de ensino, pesquisa e extensão vivenciadas durante o desenvolvimento do *Projeto de Extensão Evolução Biológica: exposições científicas e culturais nas escolas públicas de Cuiabá – MT*, realizado entre os anos de 2011-2012 por um grupo de estudantes e sua professora, durante o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Esse projeto de extensão teve como enfoque estimular o interesse dos estudantes de ensino médio pela teoria da evolução biológica, popularizando os conceitos-chave das ideias promulgadas por Charles Darwin (1859), bem como os conceitos científicos das Ciências Biológicas que estão diretamente ligados a essas ideias.

O desenvolvimento desse projeto de extensão foi importante, de modo amplo, para aproximar o público acadêmico e o escolar em um processo de comunicação científica e, particularmente, contribuiu para ampliar a compreensão da percepção pública de jovens estudantes e professores da educação básica sobre a ciência, apontando caminhos para ações mais efetivas de desenvolvimento de uma cultura científica.

Quando se fala em cultura científica, alguns desafios merecem destaque, pois de acordo com Vogt [15] nunca na história houve tantas iniciativas governamentais e acadêmicas em favor da comunicação científica e tecnológica no mundo. Porém, embora sejam várias as iniciativas e as razões em favor da divulgação e comunicação científica, paradoxalmente, nota-se um declínio de jovens interessados em assuntos relacionados à ciência, bem como em seguir uma carreira científica, apesar de conviverem intensamente com produtos científicos e tecnológicos.

As razões que afastam os jovens de temas científicos parecem associadas, principalmente, as suas experiências e valores adquiridos durante a sua trajetória escolar. Vogt [15] explica sobre essa associação:

a palavra “ciência” assusta a esmagadora maioria dos cidadãos [...] porque traz à memória fracassos escolares por incapacidade de compreensão ou de manipulação de conceitos. Com demasiada frequência, o ensino das ciências funciona como um fator de seleção dos “bons” e de exclusão dos “maus”. Depois, logicamente, slogans como “a ciência é divertida, criativa e ao alcance de todos”... parecem mentiras.

Dessa forma, durante o projeto buscou-se adotar formas mais amplas e coerentes de comunicação científica, de maneira que decorresse um trabalho conjunto entre todos os membros envolvidos. As ações foram articuladas em função do desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, para as quais se previu a participação dos estudantes de Ciências Biológicas desde o planejamento até a realização nas escolas de educação básica, onde também se envolveram os professores e os estudantes. Assim, as ações implementadas foram: (1) conhecer a percepção dos estudantes do ensino médio e seus professores de Biologia sobre ciência a partir das atitudes diante da teoria da evolução biológica; (2) promover mostras científicas através de oficinas e minicursos nas escolas públicas.

Vogt e Castelfranchi [14] comentam que as maneiras que os indivíduos percebem e utilizam o conhecimento científico articula-se em função da compressão do conteúdo de ciências associados a contextos mais amplos de informações, como atitudes, opiniões e valores atribuídos a ele. Consequentemente, os objetivos de difusão da ciência escolar podem ser reestruturados a partir de um plano sociocultural de construção e aproximação da população aos conhecimentos científicos.

Desta forma, consideramos que projetos de divulgação científica apresentarão resultados mais efetivos quando a noção da ciência escolar romper com a visão de uma simples aquisição de conteúdos desconectados da realidade social dos jovens estudantes.

A opção pela teoria da evolução biológica como orientadora do projeto justifica-se, primeiramente, por apresentar papel chave na compreensão da dinâmica entre os seres vivos e o meio ambiente, bem como no processo de diversificação, sustentando noções-chaves das Ciências Biológicas, como: seleção natural, adaptação e sobrevivência em um nicho ecológico. Esses princípios básicos do conhecimento biológico contribuem para a compreensão de questões cotidianas dos estudantes, como, por exemplo, a conservação da biodiversidade, as transformações ambientais, as consequências do uso indiscriminado de antibióticos, entre outros temas intimamente ligados à teoria evolutiva e que exigem a utilização de seus conceitos para a solução de problemas concretos, assim colaborando para o entendimento e a análise do meio ambiente.

Contudo, a teoria da evolução biológica é um tema considerado controverso, pois as atitudes relacionadas a ela frequentemente são influenciadas por ideias, memórias, experiências e concepções de evolução diferentes das estabelecidas pela ciência [1]. A esse respeito, Cobern [6] explica que as questões da teoria evolutiva e origens da vida apresentam a mais clara sobreposição entre ideias científicas e outras ideias da sociedade.

Por esses motivos, o desenvolvimento de pesquisas empíricas e de iniciativas de comunicação e divulgação científicas interessadas em entender e estabelecer relações entre educação científica e educação cultural é imprescindível para a compreensão dos diálogos entre ciência e cultura, presentes no ensino básico.

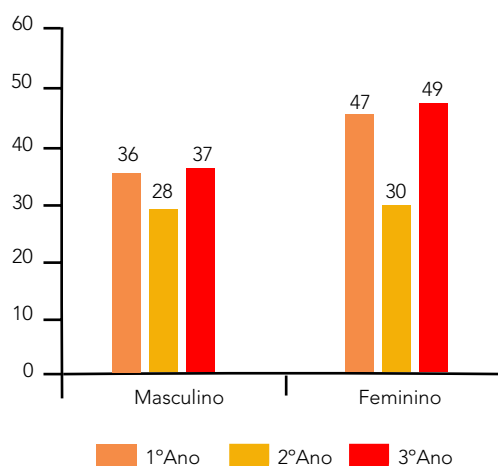
MATERIAIS E MÉTODOS

Este projeto foi desenvolvido por uma professora e alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto de Biociências – Campus Cuiabá (MT) –, matriculados na disciplina Instrumentação para o Ensino III, sendo dois bolsistas de Extensão e outros 19 alunos da disciplina. O público alvo configurou-se em alunos dos três anos do ensino médio e seus respectivos professores de Biologia, de duas escolas públicas de Cuiabá, uma municipal e a outra estadual. A escolha dessas escolas deveu-se à proximidade da gestão do projeto com alguns de seus funcionários.

O total de alunos do ensino médio participantes do projeto foi de 227, cujas faixas etárias estão distribuídas da seguinte forma: menos de 15 anos, três alunos; entre 15 e 20 anos, 189 alunos; e mais de 20 anos, 30 alunos. Não responderam a essa pergunta cinco alunos.

O Gráfico 1 mostra a distribuição desses alunos por ano de escolarização:

Gráfico 1 – Distribuição dos jovens estudantes que participaram do projeto, por ano escolar



O desenvolvimento e implementação do projeto de extensão contou com a participação de três professoras da educação básica. Surgiu daí a necessidade de ampliar a aplicação do questionário percepção pública da evolução biológica para os professores de outras escolas públicas, ampliando assim o número de inquiridos para 17 professores, em oito escolas municipais e estaduais, sendo 16 do sexo feminino. Quanto à faixa etária desses docentes, delimita-se: 24 anos, um professor; 29 anos, dois professores; entre 30 e 39 anos, quatro professores; entre 40 e 48 anos, oito professores; e com 50 e 54 anos, dois professores.

Após a formação de equipe e a seleção dos estudantes extensionistas, foram realizados encontros semanais com a participação dos licenciandos e a professora responsável pelo projeto, para elaboração das ações e atividades que seriam desenvolvidas nas escolas. No entanto, o grupo ainda estava pequeno para abarcar o desenvolvimento das atividades previstas. Assim, os estudantes matriculados na disciplina de Instrumentação para o Ensino III foram convidados a participar das ações nas escolas (N=16).

Inicialmente, todos os acadêmicos foram convidados a levantar as referências bibliográficas que iriam nortear os trabalhos do projeto de extensão e aprofundar os estudos sobre a teoria da Evolução Biológica. As leituras recomendadas inicialmente foram textos produzidos numa linguagem voltada ao professor da educação básica: *Evolução: o sentido da biologia* [7]; *Darwin: do Telhado das Américas à Teoria da Evolução* [3]; *Evolução biológica: ensino e aprendizagem no cotidiano de sala de aula* [11]. Após a síntese e fichamento dos materiais bibliográficos selecionados a equipe de trabalho iniciou a implementação das ações descritas a seguir.

Foram planejados encontros/reuniões com os professores das escolas, totalizando 20 horas, para estudos e discussões de temas relacionados à teoria da evolução biológica, com o objetivo de elaborar em conjunto as propostas de atividades que seriam oferecidas, bem como compor um grupo de estudos permanente sobre o ensino e aprendizagem da teoria da evolução biológica e as influências socioculturais. No entanto, não houve a implementação do grupo de estudos por dificuldades de conciliação dos horários para os encontros.

Assim, ao longo do trabalho, os graduandos visitaram as escolas para definir detalhes do projeto e optaram pela aplicação de um questionário para verificar as percepções dos professores sobre a teoria e o ensino da evolução biológica. Os questionários foram compostos por questões de múltipla escolha e em escala do tipo Likert de quatro pontos, para facilitar a recolha dos dados, de maneira que não interrompesse a rotina do professor.

A escala de Likert foi desenvolvida por Rensis Likert, em 1932, ao elaborar diferentes afirmações em vez de perguntas, foram atribuídos valores que representam a concordância ou discordância das afirmações. Likert propôs uma escala de cinco pontos com um ponto médio para registro da manifestação de situação intermediária de indiferença ou de nulidade, do tipo: (1) discordo totalmente; (2) discordo; (3) indeciso; (4) concordo; (5) concordo totalmente. Obtém-se um valor para cada pessoa e para cada item [9].

As questões presentes no questionário aplicado ao professor versavam sobre: caracterização socioeconômica; motivos/razões para o ingresso na carreira docente; proximidade com a ciência e com a evolução biológica; opinião a respeito do ensino da teoria da evolução biológica; e proximidade à religião. Para análise dos dados obtidos foi feita uma contagem de frequência simples, e os resultados foram representados em números absolutos, por se tratar de uma amostra pequena de inquiridos.

O questionário aplicado para os estudantes do ensino médio foi elaborado com base no estudo realizado por Oliveira e Bizzo [8] com auxílio do instrumento *Relevance of Science Education* (ROSE). O ROSE é um estudo internacional, elaborado pelo professor Svein Sjøberg e pesquisadores da Universidade de Oslo, que teve como objetivos: investigar opiniões de estudantes na faixa etária dos 15 anos de idade sobre suas experiências nas aulas de ciências e sua relação com ciência em geral e com a carreira científica. Esse projeto foi adaptado por pesquisadores de diferentes países, e seu instrumento de coleta de dados – um questionário fechado com 245 itens, em escala do tipo Likert de quatro pontos – já foi aplicado em mais de 40 países [12].

A coleta dos dados foi realizada a partir do contato direto com os inquiridos, durante o período letivo, em horários previamente negociados com a gestão e com os professores da escola. A aplicação dos questionários durava, em média, 20 minutos.

As questões presentes nos questionários aplicados aos estudantes versavam sobre: caracterização socioeconômica; proximidade e interesse por ciências e suas aulas de ciências; interesse por tópicos que sustentam a teoria da evolução biológica; e caracterização cultural, particularmente, proximidade com crenças religiosas. A escolha dos temas ciência e religião foram importantes para compreensão de como os estudantes se relacionam com eles.

Os dados obtidos foram processados no *Software Statistical Package for Social Science* (SPSS) – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais – versão 18.0, que é um programa estatístico facilitador e mediador do trabalho de análise numérica. O SPSS utilizado foi licenciado pelo *projeto Desempenho escolar inclusivo na perspectiva multidisciplinar* – Observatório da Educação (CAPES/INEP, 2010), no qual a coordenadora do presente projeto participa como pesquisadora.

Para avaliar diferenças entre as amostras e relações entre as variáveis, foram realizadas análises descritivas de frequências absolutas e relativas, seguidas do exame das variáveis e suas correlações por análises multivariadas (Mann Whitney e Kruskal-Wallis).

À luz dos referenciais teóricos que orientam o ensino da teoria da evolução biológica, os acadêmicos elaboraram oficinas pedagógicas para aplicação nas escolas, com base em um roteiro denominado Oficina Pedagógica, no qual caracterizaram: carga horária; limite de vagas; ementa; objetivos educacionais; materiais necessários; sistemática/desenvolvimento do trabalho; e estratégias de avaliação e autoavaliação.

A duração de cada oficina foi de quatro a oito horas e essas formações versaram sobre temas relacionados à teoria da evolução biológica. Para chamar atenção dos jovens, as oficinas receberam os seguintes títulos: *Evolução Biológica: afinal o que é isso?*; *A natureza: entre o bem e o mal*; *Répteis: descobrindo seu passado*; *O que os olhos não veem*; *Quem é Darwin?*; e *Os fósseis e você, tudo a ver*.

Ao final das oficinas, o grupo de pesquisadores avaliou as opiniões dos estudantes sobre as atividades que foram desenvolvidas e retomou, também, as ideias iniciais que os jovens apresentaram sobre ciência e evolução biológica.

COMUNICAÇÃO E DIFUSÃO DA CULTURA CIENTÍFICA ATRAVÉS DA TEORIA DA EVOLUÇÃO BIOLÓGICA

O projeto teve início com a busca pela percepção sobre ciência entre os jovens matriculados no ensino médio e seus professores de Biologia.

Quanto à percepção que os estudantes têm sobre ciência, não houve diferença estatística significativa ao nível de 5% nas respostas dos estudantes quanto às variáveis: sexo, idade e série.

Os dados obtidos indicam que os jovens consideram que a ciência é relevante para a sociedade e contribui para resolver problemas do cotidiano. Paradoxalmente,

quando esses jovens são questionados sobre o interesse de seguir uma carreira científica ou trabalhar com algum tipo de tecnologia, os níveis de concordância são menores.

Resultados semelhantes foram encontrados por Santos Gouw [10]. A autora destaca que os jovens brasileiros têm uma atitude, em geral, otimista em relação à Ciência e Tecnologia (C&T), e a consideram responsável não só pela cura de doenças, mas também por melhores oportunidades futuras e pelo desenvolvimento adequado de um país. Assim, os jovens atribuem à C&T a possibilidade de uma vida mais saudável, fácil e confortável. A pesquisadora ainda chama a atenção para os altos índices de otimismo ou valorização da ciência entre os jovens das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Por outro lado, os informantes do Sul e Sudeste pareceram menos empolgados e mais críticos em relação ao papel da C&T na sociedade.

Ao se comparar os dados encontrados na pesquisa apresentada neste artigo com a amostra nacional de Santos Gouw [10], depreende-se que a juventude do Centro-Oeste apresenta maior interesse pela C&T do que os estudantes de outras regiões do país. No entanto, para caracterizar as opiniões dos jovens cuiabanos, é necessária a ampliação desta pesquisa para uma amostra representativa dos estudantes de Cuiabá, tendo como referência um cuidadoso planejamento amostral que possibilite documentar o conjunto de atitudes e interesses, bem como a relação do jovem com a C&T, levando em conta o perfil socioeconômico e cultural e os contextos escolares dos informantes.

Quanto à opinião dos jovens a respeito da teoria da evolução biológica, foram respondidas duas questões, a primeira sobre a base científica e a credibilidade atribuída à teoria, e a segunda, sobre a aceitação de tópicos que sustentem a teoria da evolução biológica.

De maneira geral, os jovens concordaram que a teoria da evolução biológica é um tema aceito entre os cientistas e resultado de estudos científicos sólidos. No entanto, quando é abordada a diferença entre o discurso religioso e o discurso científico, 51,6% dos jovens discordam de que “a teoria da evolução está correta, mesmo não concordando com o relato bíblico da criação”*. Ressalta-se que 16,7% deles não responderam a esse item. Esses altos índices de abstenção e discordância podem sugerir um desconforto entre os jovens quando há relacionamento entre temas científicos e crenças religiosas.

Os estudantes aceitam itens que afirmam sobre os registros fósseis como provas da existência de espécies que viveram no passado: 54,6% concordam com a afirmação Os fósseis são indícios de espécies que viveram no passado e que estão extintas hoje em dia). Eles também concordam com a seleção natural: 60,3% entendem que se um ser vivo pode viver bem em um ambiente, poderá ter muitos descendentes com as características vantajosas. Já quando o item tratava-se da ancestralidade comum, houve menor aceitação entre os estudantes: 52% discordam de que diferentes espécies podem possuir uma mesma espécie ancestral.

Sobre a atribuição de fenômenos naturais para explicar a origem e a evolução da Terra, 50,2% concordam que isso seja possível. No entanto, a concordância é menor

* Os destaques em itálico remetem às questões de número 6 da sessão 3; questões 2, 6, 10, 7, 9, 8 da sessão 4, dispostas no questionário aplicado aos informantes.

quando as afirmações se voltam para a origem e evolução humana, com um índice de 44,5% de aceitação para a afirmação *O ser humano se originou da mesma forma como as demais espécies biológicas*; 49,3% para *A espécie humana habita a Terra há cerca de 100.000 anos*; e 35,2% para *Primeiros humanos viveram no ambiente africano*. Destacam-se os percentuais de “não resposta” de 14,1% também para os itens relacionados à origem e evolução humana.

Embora sejam menores os níveis de concordância dos estudantes com itens sobre a origem e evolução humana, não houve diferença significativa (5%) entre as respostas. Esses resultados apontam que os estudantes parecem interessados e motivados por temas relacionados à teoria da Evolução Biológica.

Essa motivação não parece influenciada por uma proximidade com a religião, pois a maioria dos jovens se considera religioso e acredita em explicações teológicas para origem da vida, como pode ser observado nos níveis de aceitação dos itens das questões *Sou uma pessoa religiosa***, em que 76% concordam; em *Acredito na doutrina ou nos ensinamentos religiosos*, com 70,4% de concordância; em *Os conhecimentos religiosos são úteis no meu dia a dia*, com 69,6% de concordância; e em *Acredito nas explicações religiosas para origem da vida*, com o qual 72% concordam. Portanto, existe uma aparente convivência de ideias opostas para o jovem estudante.

Esses resultados contradizem os dados encontrados por Oliveira e Bizzo [8], que pesquisou sobre esses mesmos temas dentre estudantes do ensino médio de Tangará da Serra (MT) e São Caetano do Sul (SP). Os resultados do pesquisador mostram que os níveis de aceitação parecem influenciados principalmente pela religião: os estudantes mato-grossenses e evangélicos apresentaram níveis mais baixos de concordância com a teoria evolutiva, diferentemente dos estudantes paulistas, que apresentam níveis mais altos de aceitação, inclusive de itens referentes à origem e evolução da Terra e do ser humano.

Contudo, Bizzo, Santos Gown e Mota [4], em uma pesquisa semelhante que realizaram em âmbito nacional, não encontraram relações de proximidade dos jovens em relação à teoria da evolução e crenças religiosas, e destacam que a aceitação da evolução não varia consideravelmente entre os sexos e entre as religiões, embora as meninas, de maneira geral, e os meninos evangélicos mostrem menor concordância com essa ideia do que meninos e meninas católicos. Um resultado relevante, apontado pelos autores, foi a discordância de 80% dos católicos e de 67% dos evangélicos com a afirmação *minha religião me impede de acreditar na evolução biológica*.

Diante dos resultados apresentados, os autores citados comentam que os jovens parecem entender que a ciência não pode ser vista como um simples sistema de verdades e dogmas, e que a religião não impede o desenvolvimento de nossa capacidade de observar e interpretar o mundo.

Assim, considerando os resultados encontrados por Bizzo, Santos Gouv e Mota [4] e os apontados na pesquisa apresentada neste artigo, surgem novos questionamentos,

** Os destaques em itálico remetem às questões de número 1, 2, 5, 6 da sessão 2, dispostas no questionário aplicado aos informantes.

pois se os jovens parecem capazes de negociar suas crenças religiosas e científicas sobre a origem da Terra e da vida, quais seriam as estratégias utilizadas por esses jovens para negociar a ciência e religião como campos independentes?

Nas respostas dos professores aparecem algumas tendências semelhantes às percepções dos estudantes. Quanto à proximidade com as religiões, 13 professores se consideram pessoas de fé; oito deles julgam compreender os ensinamentos religiosos; 14 consideram que os ensinamentos religiosos são úteis no seu cotidiano; e 10 concordam que religião deve ser ensinada na escola.

Sepúlveda e El-Hani [13] argumentam que é possível uma convivência pacífica, no pensamento individual, entre crenças pessoais e ciência, desde que elas coexistam em contextos diferentes. Os dados analisados mostram que os professores pesquisados acreditam nas evidências científicas para explicar a origem e evolução da vida e, a parte majoritária não concorda com os relatos bíblicos sobre a criação. Dentre os professores, oito concordaram que é possível conciliar a teoria da Evolução Biológica com explicações religiosas e culturais para origem e evolução humana.

Todos os professores concordaram totalmente com os tópicos relacionados à teoria da evolução biológica, sendo que apenas um professor não concorda que os primeiros humanos tenham vivido em ambiente africano.

Quanto ao ensino da evolução biológica, os professores consideram de grande importância para o ensino básico, mas embora tenham estudado essa teoria durante a graduação, 13 professores afirmaram não terem sido preparados para trabalhar em sala de aula as questões socioculturais que influenciam a aprendizagem desse tema pelos estudantes.

Também foi consenso, entre os professores, que a formação cultural dos alunos da educação básica influencia na compreensão dos conceitos-chave da teoria da Evolução Biológica, e consideram que conhecem poucos caminhos e estratégias pedagógicas que amenizem os conflitos entre a religião e a ciência em sala de aula.

Asgar, Wiles e Alters [2], ao estudarem os sentimentos e preocupações de futuros professores canadenses quanto à abordagem do tema da evolução biológica no ensino fundamental, explicam que esses docentes aceitam a teoria da evolução biológica e que pretendem incluir o ensino do tema no currículo de ciências. No entanto, existe entre os professores a preocupação com a aceitação da teoria por parte dos estudantes e seus pais, já que a inclusão desse tema nas aulas de ciências pode se confrontar com as crenças religiosas dos estudantes. Outro ponto que preocupa esses futuros docentes, segundo os estudos desses autores, é a impressão de que a formação acadêmica não contribuiu com a compreensão adequada da teoria, além de não oferecer embasamento teórico sobre estratégias pedagógicas para trabalhar com temas controversos em sala de aula.

Na pesquisa a que se refere este artigo, os professores também concordam com a inclusão do ensino de questões religiosas na escola, ao mesmo tempo reconhecem que seus alunos apresentam dificuldades de compreensão da teoria da evolução biológica devido a influências socioculturais. Portanto, é necessário refletir e aprofundar mais os estudos sobre como esses profissionais poderiam intermediar

suas crenças pessoais, as questões religiosas ensinadas na escola e ainda o ensino da teoria da evolução biológica.

De maneira geral, os dados analisados apontam que as percepções positivas em relação à ciência e à teoria da evolução biológica foram comuns entre os estudantes e professores, e que questões religiosas não parecem influenciar explicitamente nas suas opiniões e posicionamentos. No entanto, considera-se necessário o desenvolvimento de estudos de cunho quantitativo associados a qualitativos para aprofundar a compreensão de como as características culturais e sociais dos sujeitos pesquisados se relacionam com a percepção da ciência.

OFICINAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA: CONCILIANDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA COM A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O estudo das percepções de estudantes e professores forneceu subsídios para a definição do que, para quem e como comunicar temas científicos. Como exemplo, cita-se a preocupação que os professores inquiridos apresentaram com a influência das crenças religiosas dos estudantes na aprendizagem da teoria da evolução biológica. Por outro lado, esses jovens apresentaram percepções positivas com relação à evolução biológica, independentemente de suas afiliações e proximidade com a religião.

Os programas de extensão articulados com ensino e pesquisa contribuem para aproximar a universidade das demandas da comunidade, e essas propostas de aproximação incidem, em primeiro lugar, a dar voz a todos os participantes dessa comunidade. As atividades de extensão e pesquisa na escola precisam ser compreendidas a partir da participação ativa de pesquisadores e dos sujeitos da escola, por isso, antes de qualquer definição pedagógica para a pesquisa apresentada neste artigo, foi realizada uma escuta de professores e alunos.

Assim, as oficinas foram elaboradas pelos acadêmicos considerando essas intenções mais abrangentes de comunicação, favorecendo a proximidade dos estudantes do ensino básico a temas científicos, sob uma ótica mais crítica de seus benefícios e processos.

Para elaboração das oficinas, os licenciandos buscaram referenciais teóricos específicos da biologia e da educação, conciliando os dois campos de conhecimento. No entanto, ao longo das elaborações das atividades das oficinas percebeu-se uma forte tendência entre os graduandos por estratégias de mera transmissão do conhecimento, em geral, criticadas pelos eles próprios. Percebe-se, portanto, que ao definirem suas estratégias pedagógicas, esses alunos de licenciatura ainda possuem dificuldades de implementarem situações didáticas em que os estudantes da educação básica tenham papel mais ativo em sala de aula.

De acordo com Vogt [15] quando iniciativas de comunicação e ensino de temas científicos são elaboradas pela comunidade acadêmica e executadas no âmbito do ensino básico, existe uma forte tendência de reduzir à comunicação científica a transferência de conhecimentos, o que “frequentemente produz o contrário da intenção inicial: aproximar, compartilhar e estimular”.

No entanto, a partir do diálogo entre professores-formadores, alunos de licenciatura e sujeitos da escola, à luz de referenciais teóricos da educação e específicos da biologia, as concepções prévias de ensino e o papel do professor e aluno em sala de aula podem ser analisados criticamente, como ocorreu no projeto apresentado neste artigo, possibilitando novas formas de se concretizar o ensino de temas científicos.

Desde o planejamento das atividades das oficinas pedagógicas, os alunos de licenciatura retomavam suas concepções de ensino e aprendizagem de temas científicos, reformulando os saberes teóricos e as possibilidades reais da prática na escola. Além disso, ao transpor para o conhecimento escolar o conhecimento acadêmico sobre a teoria da evolução biológica, os alunos analisaram suas próprias percepções e conhecimento sobre a teoria e as ideias de Darwin sobre seleção natural e dinâmica do meio ambiente.

As oficinas foram oferecidas em um dia letivo para cada escola. Para inscrição dos estudantes do ensino médio, foi encaminhado um informativo sobre as oficinas e os alunos escolheram a que lhes pareceu mais atrativa.

Durante a criação de cada oficina, após os ajustes metodológicos de rompimento com a tendência às atividades tradicionais, os graduandos buscaram por atividades mais interativas, como: resolução de problemas, experimentos, demonstração de experimentos, exposição de documentários e filmes seguidos de debates, dentre outras atividades que buscavam relacionar concepções científicas e cotidianas sobre a evolução biológica.

As oficinas contaram com 192 participantes e, para atender a todos, algumas foram oferecidas em mais de um turno. Em cada oficina, os ministrantes criaram estratégias para conhecer as concepções prévias dos alunos do ensino médio, e ao final, estes responderam uma avaliação sobre o curso.

Todas as oficinas foram bem avaliadas pelos estudantes, que demonstraram motivação e interesse em participar das atividades elaboradas, atendendo, assim, às expectativas de todos os envolvidos. Para exemplificar os resultados positivos alcançados, será apresentada, a seguir, a oficina *Os fósseis e você, tudo a ver*.

Considerando, que a paleontologia apresenta conceitos fundamentais para compreensão de fenômenos naturais e da história do planeta Terra, bem como sustenta a teoria da evolução biológica, além de ter sido um importante componente para formulação da Origem das Espécies, de Charles Darwin, alguns graduandos optaram pelo desenvolvimento de uma oficina sobre o tema.

Para as atividades propostas, foram desenvolvidos os seguintes materiais: um jogo de tabuleiro para identificação de concepções prévias; atividades práticas que demonstravam como ocorre o processo de fossilização; e exposição de imagens de fósseis encontrados no mundo e, principalmente, no Brasil. Por fim, os graduandos propuseram uma discussão sobre como são feitos os estudos com fósseis e sua importância para a compreensão da origem e evolução dos seres vivos, apresentando também conhecimentos sobre a idade da Terra e registros fósseis nos estudos desenvolvidos por Darwin.

A oficina foi oferecida para estudantes do 1º ano do ensino médio, em dois turnos com turmas de 20 alunos cada. Inicialmente, os alunos foram divididos em pequenos

grupos e desafiados por um jogo de perguntas e respostas, o *Jogo dos Fósseis*, que consiste em um tabuleiro que identifica concepções prévias dos estudantes sobre o tema. Ao longo da atividade, os ministrantes anotavam as principais respostas dos grupos e, após analisarem-nas, identificaram que a maioria das ideias sobre fósseis estava associada a restos de dinossauros e, principalmente, que a fonte de informação desses estudantes era a mídia, em programas de televisão e internet.

Em seguida, esses alunos foram convidados a confeccionar alguns moldes de fósseis, através do uso de massa de modelar e gesso, possibilitando a reflexão sobre como ocorre o processo de fossilização. Foram apresentados, previamente, alguns fósseis produzidos com gesso, simulando as formas reais e abordando com os alunos como este artefato seria conservado ao longo dos anos.

Novas informações sobre os fósseis eram agregadas às atividades gradualmente, por meio de exposições de imagens e da proposta de discussões a partir de textos disponíveis na revista *Ciência Hoje*, particularmente a coluna *Caçadores de Fósseis*. A utilização de textos de divulgação científica justifica-se pelo tempo disponível para oficina e por se tratar de um material já adaptado para o público escolar em geral. Ao longo da oficina, os ministrantes buscavam interfaces entre as dúvidas e comentários apresentados pelos estudantes e o conteúdo conceitual.

No final das atividades os estudantes do ensino médio responderam a uma pesquisa sobre o que foi estudado e avaliaram o curso por meio de um formulário composto das seguintes questões dissertativas: O que você aprendeu de novo hoje? O que é um fóssil? O que mais gostou na oficina? O que menos gostou na oficina? O que lhe despertou mais interesse hoje? O que você mais gostou do jogo? O que você mais gostou na construção dos fósseis?

Os estudantes pareceram satisfeitos com a oficina, demonstrando motivação em estudar e pesquisar mais a respeito do que foi apresentado suscitando novos interesses diante de temas científicos. Eles destacaram que aprenderam uma nova acepção para o termo “fóssil”, já que o tema não estava tão restrito aos dinossauros, ampliando seus conceitos, por exemplo, para fósseis de vegetais, o que não parecia possível anteriormente. Dentre os pontos negativos identificados pelos ministrantes destaca-se a organização/sequência das atividades em relação à dinâmica da sala de aula, e a carga horária disponível, que pareceu insuficiente para o que foi proposto.

As atividades de extensão em parceria com os sujeitos da escola retomam a discussão de que a formação inicial docente se coloca tanto no contexto universitário quanto na educação básica. Embora esse projeto desenvolvido tenha sido de curto prazo em sala de aula, construído a partir de ideias didáticas comuns e simples, a experiência de sua aplicação representou mais uma possibilidade de superação de um ensino fragmentado e desconectado da realidade do exercício docente.

No aprendizado a partir de situações concretas os alunos de licenciatura tiveram oportunidade de refletir sobre os conteúdos biológicos enquanto temas que deverão ser ensinados e transpostos para o saber escolar, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da competência de selecionar, avaliar e refletir sobre as diferentes estratégias didáticas para ensinar temas científicos. Do outro lado, os professores e alunos da educação básica contemplados com as oficinas tiveram oportunidade de reconstruir a relação com a ciência e os temas científicos.

Por fim, considera-se que iniciativas de desenvolvimento da cultura científica são indispensáveis para inclusão dos jovens na compreensão da vida cotidiana e nela atuar transformando a sua realidade e, principalmente, participando e julgando decisões políticas.

REFERÊNCIAS

- [1] ALTERS, B. J.; ALTERS, S. M. **Defending evolution in the classroom: a guide to the creation/evolution controversy**. Canada: Jones and Bartlett Publishers, 2001.
- [2] ASGHAR, A.; WILES, J. R.; ALTERS, B. Canadian pre-service elementary teacher's conceptions of biological evolution and evolution education. **MC-GILL Journal of Education** n. 42(2), p. 189-210, 2007.
- [3] BIZZO, N. **Darwin: do telhado das Américas à teoria da Evolução**. São Paulo: Ed. Odysseus, 2002.
- [4] BIZZO, N.; SANTOS GOUW, A.; MOTA, H. S. Evolução e religião: o que pensam os jovens estudantes brasileiros. **Ciência Hoje**, v. 50, n. 300, p. 26-31, 2013.
- [5] BROTAS, A. M. P. Jornalismo Científico em tempo de controvérsia. In: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (Orgs.) **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011, p.123-152.
- [6] COBERN, W. W. Point: Belief, Understanding, and the Teaching of Evolution. **Journal of research in science teaching**, v. 31, n. 5, p. 583-590, 1994.
- [7] MEYR, D.; EL-HANI, C.N. **Evolução: o sentido da Biologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- [8] OLIVEIRA, G. S.; BIZZO, N. Aceitação da evolução biológica: atitudes de estudantes do ensino médio de duas regiões brasileiras. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v.11, n.01, p. 57-79, 2011.
- [9] PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. 3ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- [10] SANTOS GOUW, A. M. **As opiniões, interesses e atitudes dos jovens brasileiros frente à ciência: uma avaliação em âmbito nacional**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- [11] SANTOS, S. C. **Evolução Biológica: ensino e aprendizagem no cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Annablume; Fapesp: Pró-Reitoria de Pesquisa, 2002.
- [12] SCHREINER, C.; SJØBERG, S. Empowered for action? How do young people relate to environmental challenges? In: ALSOP, S. (Ed.). **Beyond Cartesian Dualism: Encountering affect in the teaching and learning of science**. Dordrecht: Springer, 2005.
- [13] SEPULVEDA, C. A. S. E.; EL-HANI, C. N. Quando visões de mundo se

encontram: religião e Ciência na trajetória de formação de alunos protestantes de uma licenciatura em Ciências Biológicas. **Investigaciones en Enseñanza de las Ciencias; Investigations in Science Education**. v.09, n.02, 2004. Disponível em: <<http://www.ifufrgs.br/public/ensino/revista.htm>>. Acesso em: 04 ago. de 2013.

- [14] VOGT, C. A.; CASTELFRANCHI, Y. Interesse, informação e comunicação. **Cultura científica em Iberoamérica encuesta em grandes núcleos urbanos**. ed. 1, Fecyt, OEI, Ricyt, pp. 16, p.21-36, 2009.
- [15] VOGT, C. A. Ciência, Comunicação e Cultura Científica. In: VOGT, C. (org.). **Cultura Científica: desafios**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006, p.19-26.

GRACIELA DA SILVA OLIVEIRA *docente do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP)*
– e-mail: graciela@usp.br

Avaliação do Curso de Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR32: Campus de Ribeirão Preto / USP de 2010 a 2013

Evaluation of Course on Work Health and Safety – Training according to NR32: Ribeirão Preto Campus / USP from 2010 to 2013

RESUMO

Os dados de avaliação do curso *Saúde e Segurança do Trabalho – capacitação segundo a NR32*, oferecido anualmente, no período de 2010 a 2013, no Campus da USP de Ribeirão Preto são apresentados neste trabalho. O objetivo do curso é promover a capacitação de servidores não docentes em saúde e segurança no trabalho ao propiciar condições para minimização de riscos de diferentes agentes nos ambientes ocupacionais por meio da aquisição de conhecimentos a respeito das doenças, acidentes e normas vigentes. Durante os quatro anos do curso predominou a participação do gênero feminino, sendo a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, a unidade com maior número de alunos. Quanto à atividade funcional dos alunos, houve predomínio daqueles provenientes de biotério e de laboratórios, especialmente de técnicos e auxiliares. Assim, pela contínua demanda e resultado constatado ao longo do período analisado, considera-se que o curso alcançou seus objetivos, enquanto módulo de educação continuada, o que indica a necessidade da manutenção de seu oferecimento anual. Ainda, nos próximos anos almeja-se avaliar o impacto do curso nas unidades e serviços do campus, visando o aprimoramento e adequação às reais necessidades dos diferentes setores de atuação dos servidores do campus USP de Ribeirão Preto.

Palavras-chave: Saúde Ocupacional. Segurança no Trabalho. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

Evaluation data from the course *Work Health and Safety – Training according to NR32*, offered annually in the period 2010-2013 are presented in this paper. The aim of this course is to promote work health and safety training non-professors to provide conditions for minimizing risks of different agents in occupational settings through the acquisition of knowledge about the diseases, accidents and current standards. During four years of the course, the predominant participation of females, being Ribeirão

EVANDRO WATANABE E
ANA MARIA RAZABONI

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Odontologia
de Ribeirão Preto, São Paulo,
Brasil

ANGELA MARIA
MAGOSSO TAKAYANAGUI

Universidade de São Paulo.
Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto, São Paulo,
Brasil

ALCYONE ARTIOLI
MACHADO

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Medicina de
Ribeirão Preto, São Paulo,
Brasil

SANDRA MÁRCIA DE
CASTRO

Universidade de São Paulo.
Serviço Especializado em En-
genharia de Segurança e Me-
dicina do Trabalho de Ribeirão
Preto, São Paulo, Brasil

Preto Medical School, the unit with the largest number of students. Regarding the functional activity of the students were predominantly those from biotherium and laboratory, especially technicians and assistants. Thus, the continuous demand and result observed over the period analyzed, it is considered that the course has achieved its objectives, while continuing education module, which indicates the necessity of maintaining its annual offering. Besides, in the coming years we aim to evaluate the impact of the course in the units and campus services, aiming at the improvement and adaptation to actual needs of the different sectors of employee activities at the campus USP in Ribeirão Preto

Keywords: Occupational Health. Work Safety. Quality of Life.

INTRODUÇÃO

Desde o final do século XVII há uma preocupação com a saúde do trabalhador relacionando os riscos e as doenças desenvolvidas. Em 1700, Ramazzini estabeleceu um verdadeiro tratado sobre doenças ocupacionais, sendo o primeiro documento na literatura mostrando a relação trabalho / doença. As perguntas a respeito da ocupação profissional das pessoas na anamnese clínica foram informações importantes para tratamentos específicos como também para elaborar medidas de prevenção. Apesar desse resultado, não há registro de intervenções na época [14].

A revolução industrial, na Inglaterra no início do século XVIII, trazia junto com a máquina o aumento significativo de acidentes relacionados ao trabalho, e das condições de insalubridade nos ambientes das fábricas. Foi graças à percepção coletiva de que o trabalho nessas condições estava levando danos à saúde, com adoecimento e morte, é que surgiu, no início do século XIX, a medicina do trabalho [20].

A expressão “serviço de medicina do trabalho” designa um serviço no local de trabalho ou próximo a este, organizado para assegurar a proteção aos trabalhadores com relação aos riscos a que estão expostos e das condições onde é desenvolvido esse trabalho, além de adequá-lo aos perfis e às aptidões, tendo como consequência o bem estar físico e mental. Com foco na proteção à saúde do trabalhador, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) tornou-se uma referência sobre o assunto. No Brasil, a legislação trabalhista foi ampliada no Governo Vargas, com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), mantendo sob controle do Estado as demandas sociais e trabalhistas, como também o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, quando foi instituída a fiscalização do trabalho, somente efetivada muitos anos depois [1, 11, 13].

As primeiras normas trabalhistas na Inglaterra (Lei de Saúde e Moral dos Aprendizes – 1802), com a anuência do Estado, objetivou a redução dos riscos ocupacionais. Entretanto, foi apenas com a medicina social, que foram reconhecidas as condições de trabalho como um dos aspectos importantes relacionados às condições de saúde e de vida, hoje, qualidade de vida no trabalho [6, 18].

A identificação de problemas relacionados à saúde do trabalhador no Brasil também foi registrada no século XIX, porém foi no século seguinte, com o desenvolvimento científico da medicina e a evolução tecnológica das áreas de engenharia e

segurança do trabalho, incluindo-se a ergonomia, que se compôs um modelo da saúde do trabalhador, extensivo à saúde coletiva [5].

A expressão “medicina do trabalho”, segundo a Recomendação 112 da OIT, define a prática nos locais de trabalho, com objetivo de proteção contra riscos, adaptação e adequação física e mental dos trabalhadores segundo suas aptidões, colaborando para elevar o bem-estar coletivo.

O enfoque de saúde ocupacional deu-se pela CLT (1970) pela obrigatoriedade de equipes técnicas multidisciplinares (Norma Regulamentadora 4), pela avaliação dos riscos ambientais (NR 15) e pelo acompanhamento das condições de saúde do trabalhador (NR 7), segundo a portaria 3214 / 78. Vale ressaltar que esse modelo estabelecido não atingiu seus objetivos, principalmente porque, apesar de focar a questão no coletivo, continuou a abordar o trabalhador como um “objeto” das ações de saúde. Deve-se considerar que existem profundos impactos psicológicos, sociais, financeiros e físicos que uma lesão ou doença no local de trabalho normalmente ocasiona [9].

A transição da saúde ocupacional para a saúde do trabalhador por meio da promoção da saúde é um processo ainda em andamento, considerado um caminho longo e com resultados não imediatos, uma vez que pauta-se pela educação, com objetivo definido de modificar o comportamento das pessoas e o dito “estilo de vida”. Importante lembrar que saúde não é uma condição estável, está diretamente ligada e é influenciada pelo meio em que se vive e pode ser balizada pelo resultado do trabalho que cada um e o coletivo consegue adequar, segundo anseios e necessidades, inclusive de satisfação, considerando-se a complexidade das relações de saúde-trabalho [7, 10, 8, 2].

Ainda que sejam evidentes as dificuldades com relação aos métodos de ensino-aprendizagem, a chamada saúde do trabalhador pode-se dizer que busca uma explicação concreta sobre o adoecer, com relação à sua causa e o morrer como sua maior consequência, de um modo geral como também de forma particular, pelo estudo dos processos de trabalho, desenvolvimento e capacitação de recursos humanos, considerando valores como representações sociais, crenças e idéias, como o consumo de bens e serviços, visando agregar valor à vida das pessoas [22].

A Norma Regulamentadora 32 (NR-32) foi instituída pela portaria 485, de 11 de novembro de 2005, com a finalidade de estabelecer as diretrizes básicas para implementação de medidas de proteção à segurança e à saúde dos trabalhadores dos serviços de saúde, bem como daqueles que exercem atividades de promoção de assistência à saúde em geral. Esta norma contempla entre seus itens, a capacitação dos trabalhadores antes do início das atividades e de forma continuada devendo ser ministrada sempre que ocorra uma mudança das condições de exposição dos trabalhadores aos agentes, durante sua jornada de trabalho e por profissionais de saúde familiarizados com os riscos inerentes aos agentes biológicos, químicos e físicos (radiações ionizantes).

É fato que nem todos os setores de saúde atendem de modo satisfatório e suficiente a NR-32, uma vez que na literatura nacional constam relatos de acidentes de trabalho [16, 21].

Considerando a necessidade de divulgação e implementação desta norma, fez-se a proposta à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo de um

curso anual objetivando a capacitação dos servidores não docentes, visando segurança em seu desempenho profissional.

MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando-se a área de saúde, a NR-32 – Segurança e Saúde no Trabalho em Serviços de Saúde foi a base para a implementação do curso Saúde e Segurança do Trabalho – capacitação segundo a NR-32, oferecido em 2010, 2011, 2012 e 2013, respectivamente.

O curso foi idealizado e montado pelas seguintes Unidades da Universidade de São Paulo do Campus de Ribeirão Preto: Odontologia, Medicina e Enfermagem com o apoio do Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT-RP).

Direcionado para os servidores não docentes, o curso teve como objetivo capacitá-los em segurança e higiene no trabalho, propiciando condições para a minimização dos riscos aos quais estão expostos durante o exercício de suas funções, considerando os diferentes agentes nos específicos ambientes laborais. Propiciar a aquisição de conhecimentos necessários sobre prevenção de acidentes e doenças ocupacionais além de orientar sobre normas vigentes e medidas de segurança no trabalho.

O curso, em todas as suas edições foi uma proposta para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, com as seguintes características:

- » Natureza da formação profissional: prática profissionalizante.
- » Natureza de educação: difusão.
- » Forma: presencial.
- » Área temática: saúde.
- » Área de conhecimento: segurança do trabalho.
- » Carga horária: 48h.
- » Dia da semana: sexta-feira.
- » Horário: das 8h às 12h.
- » Duração: 3 meses.
- » Modalidade: gratuito.
- » Critério de Seleção: servidor não docente em atividade no Campus de Ribeirão Preto.
- » N° de vagas: 40, conforme perfil da atividade do funcionário e por ordem de inscrição.
- » Local: Rua das Paineiras, casa 22 – Campus Ribeirão Preto.
- » Critérios de aprovação: avaliações escritas, relatórios e provas de múltipla escolha, e frequência mínima de 85%.

Os recursos físicos para a realização dos cursos foram disponibilizados na casa 22 da Rua das Paineiras – Campus Ribeirão Preto, denominada de Centro Multidisciplinar de Promoção à Saúde e Prevenção de Doenças. Conta com pessoal e infraestrutura própria, com recepção, sala de aula com equipamento de multimídia, acesso à internet, lousa didática e capacidade para 40 vagas. Além disso, possui espaço próprio para descanso nos intervalos das aulas / palestras, privilegiado pelo verde.

O curso foi oferecido anualmente e em todas as edições os alunos receberam, graças ao apoio financeiro da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, uma pasta com os textos referentes a todas as palestras ministradas. Esse material foi preparado

pelos palestrantes para possibilitar o estudo e facilitar a sua utilização pelos alunos em outros momentos durante o desenvolvimento de suas atribuições, mesmo depois da conclusão do curso. Este instrumento é importante para auxiliar o desenvolvimento de condutas preventivas de preservação à saúde e à qualidade de vida. Os alunos receberam também blocos para anotações e caneta esferográfica.

Os palestrantes foram especialmente convidados de acordo com suas especialidades e os com residência em outras cidades, receberam transporte e hospedagem.

O programa do curso foi atualizado ao longo desses anos, sendo composto atualmente por 17 títulos:

1. Meio Ambiente, Saúde e Desenvolvimento Sustentável
2. Organização do Trabalho/ Promoção da Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho
3. Biossegurança
4. O processo Saúde/Doença – Imunização
5. Antissepsia das Mãos
6. Prevenção de Riscos Ambientais / Aspectos Legais (legislação nacional e internacional)
7. Grupos de Riscos / Mapa de Riscos
8. Medidas Gerais de Segurança e Proteção /Segurança na Manutenção de Máquinas e Equipamentos
9. Manuseio e Descarte de Resíduos de Origem Biológica e Radioativa
10. Manuseio e Armazenamento Correto de Produtos Químicos
11. Conservação e Limpeza em Geral
12. Controle Médico de Saúde Ocupacional
13. Notificação e Registro de Acidentes
14. Noções de Prevenção de Incêndio
15. A importância da Ergonomia nas Atividades Profissionais para a Qualidade de Vida
16. Biossegurança: O Destino correto dos Resíduos Químicos
17. Plano de Gerenciamento de Resíduos do Serviço de Saúde – PGRSS

A divulgação dos cursos sempre foi realizada por meio de ofício oriundo do SES-MT-RP, encaminhado às unidades do Campus USP de Ribeirão Preto, que os direcionava aos departamentos para conhecimento dos servidores. Os que demonstravam interesse com a anuência da chefia imediata tinham suas inscrições realizadas, conforme critérios já salientados, pelo preenchimento das fichas que acompanhavam os ofícios e retornavam à origem.

Os alunos foram avaliados por relatórios, provas escritas e testes de múltipla escolha, de cada assunto ministrado, observando-se frequência mínima de 85%. Ao término de cada avaliação havia apresentação dos gabaritos, permitindo a discussão sobre o tema, e principalmente a possibilidade do aluno memorizar a resposta certa, melhorando seu nível de aprendizado real. A média final de cada aluno correspondeu à média aritmética. Aos que obtiveram médias e frequência mínima foi concedido certificado emitido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP.

RESULTADOS

Os resultados estão expressos nas Tabelas 1 a 5.

Tabela 1 – Avaliação do número de participantes por ano de realização do curso Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR-32 no Campus USP de Ribeirão Preto (2010-2013).

ANO	NÚMERO DE PARTICIPANTES
2010	42
2011	33
2012	36
2013	28
TOTAL	139

Na Tabela 1 é evidenciado o número de participantes por ano de realização do curso. Nota-se que houve um decréscimo no número de participantes, sendo que em 2010 foram 42, enquanto que em 2013, 28.

Tabela 2 – Avaliação do número e percentual de participantes por gênero e ano de realização do curso Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR-32 no Campus USP de Ribeirão Preto (2010-2013).

ANO	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	N*	%*	N	%	N	%
2010	29	69,0	13	31,0	42	100,0
2011	11	33,3	22	66,7	33	100,0
2012	10	27,8	26	72,2	36	100,0
2013	8	28,6	20	71,4	28	100,0
TOTAL	58	100,0	81	100,0	139	100,0

O predomínio do gênero feminino em todos os cursos ministrados é evidenciado na Tabela 2.

* n, número; %, porcentagem.

Tabela 3 – Avaliação do número de participantes por lotação em Unidade e ano de realização do curso Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR-32 no Campus USP de Ribeirão Preto (2010-2013).

UNIDADE	2010	2011	2012	2013	TOTAL
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto	18	11	16	5	50
Prefeitura da Universidade de São Paulo Campus Ribeirão Preto	11	3	0	1	15
Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto	5	0	8	7	20
Superintendência de Saúde	4	2	0	4	10
Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto	3	13	4	6	26
Superintendência de Assistência à Saúde	1	0	1	0	2
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto	0	2	2	3	7
Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto	0	1	1	0	2
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto	0	1	3	2	6
Serviço de Verificação de Óbitos do Interior	0	0	1	0	1
TOTAL	42	33	36	28	139

De acordo com a Tabela 3, as unidades com maior número de participantes no transcorrer dos cursos foram a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto e Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto, respectivamente.

Tabela 4 – Avaliação do número de participantes por local de atividade e ano de realização do curso Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR-32 no Campus USP de Ribeirão Preto (2010-2013).

LOCAL DE ATIVIDADE	2010	2011	2012	2013	TOTAL
Biotério	27	2	1	0	30
Laboratório	8	18	29	22	77
SESMET*	3	0	0	3	6
Clínica de Atendimento Odontológico	1	5	1	1	8
Unidade Básica de Assistência à Saúde	1	2	0	0	3
Creche (enfermaria)	1	0	1	0	2
Centro de Saúde Escola	1	2	1	0	4
Biblioteca	0	3	0	0	3
Administração	0	1	0	2	3
Núcleo de Saúde Mental	0	0	1	0	1
Enfermaria do Hospital	0	0	1	0	1
Núcleo da Saúde da Família	0	0	1	0	1
TOTAL	42	33	36	28	139

Com relação ao local de atividade dos participantes por ano de realização do curso, em 2010 houve predomínio de funcionários provenientes de biotérios, e nos anos subsequentes de laboratórios.

* Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho.

Tabela 5 – Avaliação do número de participantes por função e ano de realização do curso Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR-32 no Campus USP de Ribeirão Preto (2010-2013).

FUNÇÃO	2010	2011	2012	2013	TOTAL
Técnico de Laboratório	11	10	19	10	50
Auxiliar de Laboratório	10	6	4	2	22
Auxiliar de Biotério	7	0	0	0	7
Técnico de Biotério	4	0	1	0	5
Técnico de Segurança do Trabalho	3	0	0	0	3
Auxiliar de Consultório Dentário	2	3	0	0	5
Auxiliar de Serviços Gerais	2	2	0	0	4
Técnico de Enfermagem	1	2	2	1	6
Especialista de Laboratório	1	3	5	8	17
Auxiliar de Enfermagem	1	0	0	0	1
Cirurgião-Dentista	0	0	0	1	1
Médico	0	0	0	1	1
Auxiliar de Saúde Bucal	0	0	1	0	1
Químico	0	0	0	2	2
Auxiliar de Materiais	0	1	0	0	1
Auxiliar/Técnico de Documentação e Informação	0	3	0	0	3
Auxiliar/Técnico de Assuntos Administrativa	0	2	0	3	5
Técnico de Informática	0	1	0	0	1
Farmacêutico	0	0	1	0	1
Técnico de Nutrição e Dietética	0	0	1	0	1
Enfermeiro	0	0	1	0	1
Residente (fisioterapia)	0	0	1	0	1
TOTAL	42	33	36	28	139

Ao longo das realizações dos cursos houve predomínio de técnicos e auxiliares de laboratório. Em 2010 as funções de técnico e auxiliar de biotério foram expressivas e em 2011 e 2013 nota-se a participação de servidores do setor administrativo (Tabela 5).

DISCUSSÃO

Nos três primeiros anos foram realizadas inscrições via e-mail. No ano de 2013 o número de participantes foi menor devido ao fato que em 2012 houve um excedente de 80 inscritos e optou-se por contemplar, dentro da capacidade de vagas do curso, os funcionários com perfil compatível com a temática.

Como dito, a capacidade do local onde o curso é realizado é de 40 lugares. O primeiro curso mostrou que esta capacidade não poderia ser atingida em detrimento do conforto dos alunos, sendo assim, nos cursos subsequentes optou-se por limitar o número de participantes para 36.

De modo geral, a literatura demonstra o predomínio do gênero feminino nas áreas da saúde, que também foi constatado no nosso curso durante o período avaliado [3, 17, 19].

Não causa estranheza o maior número de participantes (50/139) serem da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, uma vez que esta é a Unidade com maior número de funcionários em atividade no campus, conforme estatísticas anuais da Prefeitura do Campus de Ribeirão Preto.

Embora a Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto seja uma Unidade com número menor de funcionários, quando comparado com as demais, notamos que o número de participantes foi expressivo (26/139).

O curso foi idealizado para capacitar funcionários com atividades em unidades de Saúde e dentro dessa proposta foi possível contemplar diferentes setores, destacando-se no período avaliado pessoal advindo de laboratórios e biotérios (107/139).

Todas as unidades de saúde do campus tiveram representações no período avaliado enviando funcionários que desempenham diferentes funções, o que vai de encontro ao intuito da organização do curso que era de atingir todos os níveis de progressão da carreira dos servidores não docentes. Fornecer ferramentas aos funcionários para o melhor desempenho das suas funções traz um aumento na qualidade do trabalho e da vida dessas pessoas o que, sem dúvida, reverte em maior produtividade no trabalho a ser desenvolvido [12].

No sistema de avaliação foi inserida a apresentação dos gabaritos após a realização das provas e discussões em grupos para melhor assimilação do conteúdo. Esse modelo limita o número de participantes, uma vez que o aproveitamento está diretamente relacionado à concentração no assunto, somente conseguido em menores grupos. Em função disso o número de servidores capacitados representa minoria frente ao universo do campus, porém espera-se que o aprendizado seja de grande valor no desenvolvimento das atividades.

Somos concordes com Cunha e Mauro [4], que salientam que é fundamental o despertar de consciência sobre a importância da NR-32 para a área de saúde e que deve ser construído com todos os atores.

CONCLUSÃO

O curso Saúde e Segurança do Trabalho – Capacitação segundo a NR-32 realizado no Campus USP de Ribeirão Preto, de 2010 a 2013, alcançou seus objetivos enquanto

módulo de educação continuada. Decorrido quatro edições, os servidores capacitados representam minoria frente ao universo, sendo esta a principal limitação. No entanto, em função da característica do curso, considerando principalmente que alguns palestrantes oferecem prática demonstrativa, o grupo não pode ser muito numeroso, pois prejudicaria o ensino-aprendizagem. Como melhoria, nas próximas edições será inserida palestra com treinamento prático a respeito de noções de primeiros socorros. Ainda, almeja-se avaliar o impacto do curso nas unidades e serviços do campus, bem como a montagem de módulos avançados de capacitação, destinados aos alunos que já receberam a capacitação básica inicial, visando o aprimoramento e adequação às reais necessidades dos diferentes setores de atuação dos servidores do campus USP de Ribeirão Preto.

REFERÊNCIAS

- [1] BRASIL. Decreto-lei no 5.452, de 10 de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 14 set. 2001, p.11.937.
- [2] BRITO, J. C.; et al. Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 316-329, 2012. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572012000200013>>
- [3] CANINI, S. R. M. S.; GIR, E.; MACHADO, A. A. Accidents with potentially hazardous biological material among workers in hospital supporting services. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 4, p. 496-500, 2005. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000400006>>
- [4] CUNHA, A. C.; MAURO, M. Y. C. Educação continuada e a norma regulamentadora 32: utopia ou realidade na enfermagem? **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v.35, n.122, p. 305-313, 2010. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200013>>
- [5] FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- [6] FRANÇA, A. C. L. **Qualidade de vida no trabalho – QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- [7] GREEN, I. W.; KREUTER, L. W. Health promotion as a public health strategy for the 1990s. **Annual Review of Public Health**, v.11, p. 319-34, 1990.
- [8] LANCMAN, S.; SZNELWAR, I. I. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Editora Fiocruz, 2004.
- [9] LAX, M. B. Saúde ocupacional na região central do estado de Nova York: um ambulatório de doenças ocupacionais com financiamento público 25 anos depois. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 38, n. 127, p. 149-161, 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572013000100016>>
- [10] MENDES, R. O impacto dos efeitos da ocupação sobre a saúde de trabalhadores. I - Morbidade. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 311-326, 1988.

- DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101988000400007>>
- [11] MUNAKATA, K. **A legislação trabalhista no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- [12] CALDEIRA, T. A.; PEDROSO, R. Qualidade de vida no trabalho: diferentes percepções de um mesmo processo. **Revista Olhar Científico**, Ariquemes, v. 1, n. 1, p. 134-153, 2010.
- [13] ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Recomendación sobre los servicios de medicina del trabajo en los lugares de empleo (Recomendación no 112 de la OIT adaptada en 24 de junio de 1959). In: **Convenios y recomendaciones** (1919-1966). Ginebra, 1966. p. 1054-1058.
- [14] PENA, P. G. L.; GOMES, A. R. A exploração do corpo no trabalho ao longo da história. In: VASCONCELLOS, L. C. F.; BARROS, M. H. **Saúde, trabalho e direito: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Educam, 2011. p. 85-124.
- [15] RAMAZZINI, B. **De morbis artificum diatriba**, 1700. In: RAIMUNDO-ESTRELA, R, tradutor. São Paulo: Fundacentro, 2000.
- [16] RIBEIRO, A. S.; et al. Caracterização de acidente com material perfurocortante e a percepção da equipe de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 660-666, 2009. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v14i4.16379>>
- [17] RISSI, M. R. R.; MACHADO, A. A.; FIGUEIREDO, M. A. C. Health care workers and Aids: A differential study about beliefs and affects associated with the experience of accidental exposure to blood. **Cadernos de Saúde Pública**, v.21, n.1, p.283-291, 2005. DOI: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000100031>>
- [18] ROSEN, G. **Da polícia médica à medicina social: ensaios sobre a história da assistência médica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- [19] SCHILLIE, S.; et al. CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). VDV Guidance for Evaluating Health-Care Personnel for Hepatitis B Virus Protection and Administering Postexposure Management. **MMWR. Recommendations and Reports: Morbidity and Mortality Weekly Report. Recommendations and Reports / Centers for Disease Control**, v. 62, n. RR-10, p 1-19, 2013.
- [20] SCHILLING, R. S. F. Developments in occupational health. In: SCHILLING, R. S. F. (Ed.) **Occupational health practice**. 2. ed. London: Butherworths, 1981. p. 3-26.
- [21] SIMÃO, S. A. F.; et al. Fatores associados aos acidentes biológicos entre profissionais de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 87-91, 2010. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v15i1.17177>>
- [22] VILAS-BOAS, S. W. Apresentação do manual da gestão da Renast. In: **ENCONTRO NACIONAL DA RENAST**, 5., 2011. Relatório final. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP pelo apoio que viabilizou o oferecimento do curso em todas as suas edições.

Aos colaboradores, parceiros imprescindíveis na execução dos nossos cursos:

Adriano Menis Ferreira
Ana Paula de Tolvo Miranda
Ana Paula Macedo
Danilo Vitorino dos Santos
José Alcides Montes Sobrinho
Léa Mara Tosi Soussumi
Leonardo Monteiro Neves
Marco Antonio Cazarotti
Margareth de Lara Capurro Guimarães
Maria Rosa Rodrigues Rissi
Marisa de Cássia Registro Fonseca
Paulo Batista de Vasconcelos
Vânia Manna
Vera Lúcia Martinez Vieira

À Maria Amália Viesti Motta, secretária do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto pelo auxílio e dedicação na inserção dos cursos no Sistema Apolo.

EVANDRO WATANABE professor doutor da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FORP-USP) – e-mail: evandrowatanabe@gmail.com

ANA MARIA RAZABONI professora associada da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FORP-USP)

ANGELA MARIA MAGOSSO TAKAYANAGUI professora associada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP)

ALCYONE ARTIOLI MACHADO professora aposentada da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP)

SANDRA MÁRCIA DE CASTRO engenheira de segurança do trabalho do Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (SESMT-RP-USP)

Oficinas de Atividades: Reconstruindo o Cotidiano de Pacientes Submetidos ao Transplante de Medula Óssea

Workshops of Activities: Rebuilding the Daily Life of the Patients Undergoing Bone Marrow Transplantation

RESUMO

O Transplante de Medula Óssea (TMO) é um procedimento de alta complexidade, cujo desenvolvimento permitiu o tratamento de doenças que, anteriormente, eram fatais. Como parte do processo de reabilitação, foram implementadas oficinas terapêuticas com a finalidade primordial de estimular a socialização e a troca de experiências entre pacientes e acompanhantes. Além desses propósitos, as oficinas funcionavam como um espaço de aprendizado para profissionais em formação. O objetivo deste estudo é descrever o funcionamento das oficinas terapêuticas oferecidas na sede do Grupo de Apoio ao Transplantado de Medula Óssea (GATMO) e investigar as percepções de seus participantes em relação às atividades desenvolvidas. As oficinas terapêuticas do GATMO foram realizadas semanalmente, coordenadas por estagiários-bolsistas do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e frequentadas por pacientes e seus acompanhantes (mínimo de quatro, máximo de 12 pessoas). Os resultados obtidos evidenciam que as oficinas se configuraram como meio de expressão de sentimentos, ferramenta de resgate da capacidade produtiva e de socialização. Observou-se que as produções dos usuários, como artesanatos e mosaicos, extrapolam os limites dos workshops, uma vez que as tarefas também são realizadas em outros contextos, permitindo que o paciente desempenhe atividades alternativas, de modo a ampliar seu repertório ocupacional.

Palavras-chave: Transplante de Medula Óssea. Oficina Terapêutica. Psicologia. Cuidadores. Grupo.

ABSTRACT

Bone Marrow Transplantation (BMT) is a procedure of high complexity, whose development has allowed the treatment of diseases that were previously fatal. As part of the rehabilitation process, workshops were implemented, with the primary purpose to stimulate socialization and exchange of experiences among patients and caregivers.

FLÁVIA ANDRÉA PRADO
PATROCÍNIO, ÉRICA
ARANTES DE OLIVEIRA-
CARDOSO, BRUNA
VIEIRA VON ZUBEN E
MANOEL ANTÔNIO DOS
SANTOS

Universidade de São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

In addition, the workshops functioned as a learning space for trainees. The aim of this study is to describe the functioning of the therapeutic workshops offered at head office of the Support Group for Bone Marrow Transplanted (GATMO, in portuguese) and investigate the perception of participants in relation to the activities developed. Therapeutic workshops were held weekly, coordinated by interns and fellows of psychology and attended by patients and their caregivers (minimum four, maximum of 12 people). The results obtained show that the workshops are characterized as spaces for expression of feelings, recovery of productive capacity and socialization. It was observed that the productions of users extrapolate the limits of workshops, since the tasks are also conducted in other contexts, allowing the patient to perform alternative activities in order to broaden his/her occupational repertoire.

Keywords: Bone Marrow Transplantation. Therapeutic Workshops. Psychology. Caregivers. Group.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Transplante de Medula Óssea (TMO) é o recurso mais adequado e mais suscetível ao sucesso no tratamento de diversas doenças graves, outrora invariavelmente fatais, como a leucemia e outras neoplasias. Trata-se, no entanto, de um procedimento médico complexo, extenso e agressivo, passível de intercorrências adversas, com consequências imprevisíveis e potencialmente fatais. Experiências dolorosas, de ordem física, social e psicológica, são vivenciadas pelos pacientes submetidos a esse tratamento [6].

Quadros clínicos de depressão, ansiedade, descontrole, perda da motivação e da orientação, angústia e medo da morte, são estados bastante frequentes. Além disso, o paciente padece de dores e pode enfrentar complicações decorrentes do tratamento. A radioterapia e a quimioterapia acarretam efeitos colaterais significativos e debilitantes. Complicações decorrentes de quadros infecciosos são possíveis e não muito raras. Esses pacientes têm que aprender a lidar com o isolamento, que implica ruptura com o cotidiano, separação do local de moradia e dos familiares, convivendo com a constante companhia da angústia da possibilidade de morte iminente. Concomitantemente, a família também é acometida por muitos sentimentos negativos, agravados com o estresse produzido pela ruptura do cotidiano, alterações nas funções e papéis familiares, despesas elevadas e incertezas em relação ao futuro [2].

Os pacientes têm seu sofrimento intensificado especialmente pelo fato de que, ao chegarem à unidade de TMO, já passaram por diversos serviços e se submeteram a uma rotina desgastante de exames, tratamentos, consultas e retornos médicos, na busca de dispositivos de saúde que, enfim, possam oferecer reais possibilidades de cura. Muitas vezes observa-se, nessa situação, um latente sofrimento por antecedência. Durante o tratamento, o peso das rotinas rígidas estabelecidas por protocolos, o tempo prolongado de confinamento e a necessidade de isolamento em um sistema diferenciado de internação colaboram com o agravamento desse sofrimento, sem contar as constantes previsões acerca de reações e efeitos colaterais que podem vir

a ocorrer [6]. As pressões físicas e psicológicas que os pacientes se veem obrigados a suportar colocam toda sua trajetória de vida em perspectiva. Por outro lado, ao estresse e sofrimento persistentes se contrapõe a promessa de que tudo pode melhorar a partir do tratamento.

O reconhecimento da interação existente entre aspectos físicos e psicológicos no correr de um quadro grave de adoecimento, e no enfrentamento do tratamento específico para tal quadro, resultou na inclusão do psicólogo nas equipes de cuidado multidisciplinar, especialmente na área da oncologia e onco-hematologia. Essa inclusão é relativamente recente nos contextos de tratamento. Na Unidade de TMO do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HC-FMRP-USP), a intervenção psicológica inicia-se antes mesmo do início do procedimento (etapa pré-TMO), atravessa o período de hospitalização, durante o qual o procedimento é realizado (etapa do TMO propriamente dita), além de contribuir com a reabilitação psicossocial do paciente após o procedimento (etapa pós-TMO). A intervenção psicológica tem se afigurado como um recurso de importância crucial, na medida em que amplia os limites da ação da equipe médica no tocante a acolher as demandas de saúde mental que acompanham a trajetória do transplante e que impactam tanto os pacientes como seus familiares em cada etapa do tratamento [2].

As técnicas de grupo se apresentam como recurso auxiliar interessante, pois colaboram com o oferecimento de assistência a um número mais elevado de pessoas. Além disso, permitem adequações a diversas situações e contextos, especialmente as técnicas que abrem brechas para a vivência do lúdico, outro importante elemento que facilita a expressão de sentimentos e anseios reprimidos, sobretudo em relação ao medo da morte ou da separação, às incertezas quanto ao futuro e ao novo modo de vida a ser adotado [1].

Oliveira-Cardoso et al. [5] investigaram a qualidade de vida de 17 pacientes submetidos ao TMO em três momentos distintos: pré-TMO, no momento da saída da enfermaria e após um ano do procedimento. Os resultados mostraram que, no momento da alta hospitalar, há um decréscimo significativo da qualidade de vida quando comparada com o período anterior, merecendo destaque os prejuízos nos aspectos sociais (avalia a frequência da interferência nas atividades sociais devido a problemas físicos ou emocionais) e físicos (avaliam se as limitações físicas e quanto essas dificultam a realização de trabalho e atividades diárias).

Outro estudo realizado no mesmo serviço, com objetivo de verificar a relação entre renda, trabalho e qualidade de vida em 62 pacientes transplantados de medula óssea que permaneciam em acompanhamento médico, proporcionou um entendimento mais claro da capacidade laboral desses indivíduos nessa fase. Observou-se que 66,10% dos sujeitos da amostra não exerciam qualquer atividade remunerada, sendo que uma parcela significativa dos pacientes que haviam retomado o trabalho teve que mudar suas ocupações anteriores, uma vez que o esforço físico de alta intensidade e a exposição prolongada ao sol são aspectos contraindicados para transplantados, o que limita o repertório ocupacional e as possibilidades de readaptação funcional. Além disso, pacientes com maior renda familiar apresentavam melhor qualidade de vida [3].

O Grupo de Apoio ao Transplantado de Medula Óssea (GATMO) mantém, no

campus de Ribeirão Preto-SP da Universidade de São Paulo, uma casa que hospeda pacientes e acompanhantes de outras cidades e estados do país, com poucos recursos socioeconômicos, durante os períodos pré e pós-transplante. Essa casa de apoio é importante porque permite manter os pacientes próximos ao HC-FMRP-USP, facilitando seu acesso ao acompanhamento diário na Unidade de TMO, no período imediatamente após a alta da enfermaria.

Considerando as características dessa clientela, mostrou-se necessário implementar atividades de reabilitação, na forma de workshops terapêuticos, com a finalidade de estimular a capacidade produtiva, socialização, expressão e troca de experiências entre os pacientes e os acompanhantes, além de funcionar como um espaço de aprendizado para profissionais em formação.

O objetivo deste estudo é descrever o funcionamento das oficinas terapêuticas oferecidas na casa de apoio do GATMO e investigar as percepções de seus participantes em relação às atividades desenvolvidas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se por ser descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, desenvolvido junto a uma casa de apoio como parte de um projeto de extensão universitária.

As oficinas terapêuticas do GATMO foram realizadas semanalmente, com duração de duas horas, coordenadas por estagiários e bolsistas do curso de Psicologia da FFCLRP-USP e frequentadas por pacientes transplantados e seus acompanhantes. As atividades foram estruturadas em função dos objetivos descritos, abrangendo quatro categorias: dinâmicas de grupo, artesanato, jogos e apresentação seguida de discussão de filmes.

Durante o período de 1º de agosto de 2012 a 31 de julho de 2013, foram realizadas 43 oficinas, atendendo um total de 205 pessoas, entre pacientes e acompanhantes. As percepções dos participantes em relação às tarefas desenvolvidas foram coletadas no transcurso das atividades ou posteriormente, em diálogos estabelecidos entre os participantes e as coordenadoras do grupo.

As falas foram registradas por uma das coordenadoras, concomitantemente à realização das atividades, compondo o corpus do estudo, juntamente com as fotografias das produções realizadas em cada oficina. O material verbal e pictórico foi analisado segundo os procedimentos de análise de conteúdo, que permitiram elencar as seguintes categorias temáticas:

1. Grupo como meio de expressão de sentimentos;
2. Grupo como ferramenta de resgate da produtividade;
3. Grupo como espaço de socialização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas foram frequentadas por, no mínimo, quatro e, no máximo, 12 pessoas.

Grupo como meio de expressão de sentimentos

O grupo se configurou como um espaço privilegiado para a expressão dos sentimentos, de forma verbal ou por meio de ações e envolvimento com as atividades propostas, conforme evidencia a fala do paciente:

Pra mim o grupo é muito importante porque é através das atividades que fazemos juntos que eu posso expressar coisas que eu não conseguiria mostrar se não fosse dessa forma. (M, 21 anos, masculino, diagnóstico de leucemia).

No espaço grupal, os participantes falavam e retratavam a saudade de casa, mencionavam a falta que sentiam da rotina que tinham antes do adoecimento, a necessidade de seguir as imposições e se ajustar às limitações impostas pelo tratamento e o medo da recidiva da doença. Porém, também trocavam experiências, se apoiavam mutuamente e se ajudavam a superar as barreiras que encontravam pelo caminho.

A gente fica mais próximo, né? Vai fazendo e nem vê o tempo passar. Vai conversando e conhecendo os outros. Ajuda a falar das tristezas e das esperanças, e saber que tem estas pessoas que vêm só para ajudar a gente, né? (J, 42 anos, feminino, diagnóstico de leucemia).

Um recurso bastante utilizado pelas crianças e adolescentes transplantados de medula óssea foram as pinturas e desenhos. Durante e após essas atividades, os coordenadores estimulavam uma conversa sobre o conteúdo dos desenhos e sobre o que essas produções poderiam estar ilustrando ou representando naquele momento para o paciente. A Figura 1 mostra uma foto de algumas das telas pintadas e que animaram as conversações.



Figura 1 – Pinturas realizadas por crianças e adolescentes durante as oficinas do GATMO

Grupo como ferramenta de resgate da produtividade

Apesar de não ter a proposta de profissionalização, as oficinas auxiliavam no resgate da capacidade produtiva, tão comprometida durante o tratamento e bastante restrita imediatamente à alta da enfermaria.

Não estou mais no GATMO, graças a Deus já estou em casa, mas sempre que volto nos retornos dou uma passada no grupo. Acho que foi importante ter esse lugar durante o meu tratamento, para poder pensar que eu poderia fazer alguma coisa, que nem tudo era “não”. (M, 36 anos, feminino, diagnóstico de Leucemia Mielóide Crônica).

Alguns pacientes, inclusive, relataram que expandiram essa experiência para além do espaço grupal, fazendo as atividades na Casa do GATMO fora dos horários dos grupos, ou mesmo em casa, após a alta ambulatorial.

Figura 2 – Mosaicos produzidos durante as oficinas do GATMO



Cheguei meio perdido no GATMO, mas percebi que tinha um grupo de pacientes que esperava o horário dessa tal oficina para aprender coisas. Não sabia bem o que era, mas fui atrás deles. Hoje faço os melhores mosaicos e pego até encomendas. (F, 18 anos, masculino, diagnóstico de leucemia).

Grupo como espaço de socialização

A possibilidade de engajar-se em um encontro semanal, no qual o foco fosse retirado da doença e do tratamento e colocado na qualidade de vida e no treinamento de habilidades que estimulavam a imaginação criativa, aparece como principal contribuição das oficinas.

Assim que eu cheguei ao GATMO me falaram do pessoal que vinha fazer atividades na sexta à tarde e de como era bom. A gente passa a semana inteira na Casa, naquela rotina, cuidando do paciente, que nem sobra tempo pra mais nada. Muitas vezes nós, acompanhantes, nem conseguimos tempo para falar com os outros. Esse espaço é importante porque a gente consegue parar e falar do que está passando, ouvir

o outro, mas também de outras coisas, às vezes até falamos do futuro. (F, 35 anos, mãe de um adolescente com diagnóstico de leucemia).



Figura 3 – Paciente com brinde que ganhou no bingo mensal do GATMO

Considerando as necessidades específicas de pacientes e acompanhantes, foram propostas tarefas que facilitassem a socialização, como sessões de exibição de filmes (seguidas por discussão), jogos de tabuleiro (nos quais todos pudessem jogar) e, principalmente, a realização de bingos, momento mais esperado do mês.

Gosto de tudo, mas o bingo é o melhor. A gente se reúne e se diverte, dá risada, esquece da vida e ainda ganha uns brindes. (P, 54 anos, masculino, diagnóstico de leucemia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na etapa pós-TMO, os pacientes vivenciam a ruptura do cotidiano, o rompimento de relações sociais, o estresse decorrente da doença prolongada, da hospitalização e do rigor da terapêutica instituída, além da perda e luto de projetos acalentados. Corre-se o risco da rotina ficar centrada somente nas atividades de cuidados com a saúde, com foco na preocupação com as questões da sobrevivência, cabendo à equipe multiprofissional o desafio de auxiliar o paciente a superar essa perspectiva que ameaça esmagar a subjetividade e estreitar os horizontes existenciais do transplantado [4].

Para Takatori [7], com a quebra do cotidiano, o processo de readaptação à nova realidade pode depender de uma estrutura que sustente esse período de transição e reorganização da vida, como é o caso dos grupos de atividades e oficinas terapêuticas. Os pacientes são considerados sobreviventes ao TMO, designação que remete a um tratamento considerado traumático e ameaçador à própria vida. Em determinado

momento de suas vidas, esses indivíduos tiveram sua vida interrompida e podem apresentar por isso, dificuldades em reconstruir suas vidas e repovoar o cotidiano, o que leva à dificuldade de reinserção social.

As intervenções psicossociais implementadas no pós-TMO são destinadas a restituir a pessoa gravemente comprometida em sua autonomia a uma condição de atividade útil e construtiva [4]. Nesse contexto, as oficinas de atividades mostraram ser uma ferramenta de intervenção eficaz. Essas oficinas possibilitaram delinear um espaço/lugar de referência ao paciente e ao acompanhante, onde eles se sentem confortáveis para produzir, criar, expressar-se, desfrutar de um convívio em grupo, estar junto de pessoas que compartilham um desafio semelhante e que desejam fazer alguma atividade, através da qual possam se reconhecer com suas limitações e potencialidades. Experimentar um fazer junto e dar oportunidade ao paciente de se relacionar com pessoas diferentes podem ser consideradas medidas potencialmente terapêuticas. Os benefícios auferidos repercutem, em última instância, em uma melhor adesão ao tratamento, além de favorecer a reconstrução do cotidiano do transplantado.

Nesse sentido, tais grupos se configuram como um espaço de saúde, no qual os integrantes podem viver, a princípio, a relação terapeuta, paciente e atividades, crescentemente alcançando outras relações e espaços sociais, acreditando que a inserção social do sujeito acontece em um continuum que constitui – e se dá a experimentar – no cotidiano [7].

Frente ao reconhecimento da importância das oficinas terapêuticas do GATMO na fase pós-transplante, sugere-se que essa modalidade de intervenção terapêutica, ao ser implementada, tenha seu alcance testado desde o momento da espera pelo transplante (fase pré-TMO), no qual o paciente se encontra, muitas vezes, sob o impacto do diagnóstico e da decisão de fazer o TMO, visando atenuar as dificuldades deste momento.

O projeto atual possibilitou ao aluno a oportunidade de conhecer a realidade do paciente transplantado de medula óssea, suas necessidades e potencialidades, participar de uma estratégia criativa de intervenção emocional e avaliar a efetividade desta. Acredita-se que essa seja uma oportunidade rica e fecunda para o graduando de aprendizagem de intervenções no contexto hospitalar.

REFERÊNCIAS

- [1] CAMPOS, E. M. P.; et al. (2007). Intervenção em grupo: Experiência com mães de crianças com câncer. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 3, p. 635-640, 2007.
- [2] CONTEL, J. O. B.; et al. Aspectos psicológicos e psiquiátricos do transplante de medula óssea. *Medicina Ribeirão Preto*, v. 33, p. 294-311, 2000.
- [3] MASTROPIETRO, A. P.; OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; SIMÕES, B. P.; VOLTARELLI, J. C.; SANTOS, M. A. et al. Relação entre renda, trabalho e qualidade de vida de pacientes submetidos ao transplante de medula óssea. **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, v. 32, n. 2, p. 102-107, 2010.
- [4] MASTROPIETRO, A. P.; et al. Vida ocupacional de pacientes sobreviventes

ao transplante de medula óssea: estudo exploratório. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 12, n. 2, p. 241-252, 2011.

- [5] OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; et al. Qualidade de vida de sobreviventes do transplante de medula óssea (TMO): Um estudo prospectivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 4, p. 621-628, 2009.
- [6] PONTES, L.; GUIRARDELLO, E. B.; CAMPOS, C. J. G. Demandas de atenção de um paciente na unidade de Transplante de Medula Óssea. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, n. 41, v. 1, p. 154-160, 2005.
- [7] AKATORI, M. A Terapia ocupacional no processo de reabilitação: Construção de cotidiano. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 25, n. 4, p. 371-383, 2001.

FLÁVIA ANDRÉA PRADO PATROCÍNIO graduanda em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão 2012-2013 – e-mail: prado_flavia@hotmail.com

ÉRIKA ARANTES DE OLIVEIRA-CARDOSO doutora em Psicologia e psicóloga do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) – e-mail: erikaao@ffclrp.usp.br

BRUNA VIEIRA VON ZUBEN graduanda em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e bolsista do Programa Aprender com Cultura e Extensão 2012-2013 – e-mail: brunavonzuben@hotmail.com

MANOEL ANTÔNIO DOS SANTOS professor associado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – e-mail: masantos@ffclrp.usp.br

Instruções para o Preparo e Encaminhamento dos Trabalhos

Instructions for Preparing and Forwarding of Papers

A *Revista de Cultura e Extensão USP*, publicação semestral da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, tem o objetivo de abrir espaço para pesquisadores e coordenadores de projetos de extensão desenvolvidos junto à comunidade discorrerem sobre seu trabalho nessa área, em uma linguagem acessível ao público.

Os trabalhos devem ser apresentados em língua portuguesa, devendo ser originais e inéditos, o que significa que não devem ter sido anteriormente publicados nem enviados simultaneamente para outra revista.

Os trabalhos submetidos à publicação somente poderão ser enviados em arquivo eletrônico, com formato *.doc*, para o e-mail revistacultext@usp.br, e não em papel. Deverá ser enviado também por e-mail o *Termo de concordância e cessão de direitos de reprodução*, disponível para download no site prceu.usp.br/revista.

PREPARAÇÃO

Os trabalhos devem ter, no mínimo, 10 e, no máximo, 15 páginas, incluindo as referências bibliográficas. O trabalho deve ser enviado digitado em espaçamento 1,5, utilizando fonte Times New Roman 12 e formato A4, com 2,5 cm nas margens superior e inferior e 2,0 cm nas margens direita e esquerda, enumerando-se todas as páginas.

Os artigos deverão ser divididos, sempre que possível, em seções com cabeçalho, na seguinte ordem:

TÍTULO DO TRABALHO

Deve ser breve e indicativo da finalidade do trabalho. O título deverá ser apresentado em português e em inglês.

AUTOR (ES)

Por extenso, indicando a titulação e a(s) instituição (ões) à (s) qual (ais) pertence (m). O autor para correspondência deve ser indicado com asterisco, fornecendo endereço completo, incluindo o eletrônico.

RESUMO EM PORTUGUÊS

Deve apresentar, de maneira resumida, o conteúdo, a metodologia, os resultados e as conclusões do trabalho, não excedendo a 200 palavras.

PALAVRAS-CHAVE

Observar o mínimo de 3 (três) e o máximo de 5 (cinco). As palavras-chave em inglês (*keywords*) devem acompanhar as em português.

RESUMO EM INGLÊS

Deve conter o título do trabalho e acompanhar o conteúdo do resumo em português.

INTRODUÇÃO

Deve estabelecer com clareza o objetivo do trabalho e trazer informações sobre as origens do projeto e público-alvo. Extensas revisões de literatura devem ser substituídas por referências aos trabalhos bibliográficos mais recentes, nas quais tais revisões tenham sido apresentadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A descrição dos métodos usados deve ser breve, porém suficientemente clara para possibilitar a perfeita compreensão e repetição do trabalho. Estudos em humanos devem fazer referência à aprovação do Comitê de Ética correspondente.

RESULTADOS

Deve trazer informações sobre os impactos do projeto na comunidade e ainda sobre os benefícios alcançados para o ensino e a pesquisa. Deverão ser acompanhados de tabelas e material ilustrativo adequado.

DISCUSSÃO

Deve ser restrita ao significado dos dados e resultados alcançados.

CONCLUSÕES

Quando pertinentes, devem ser fundamentadas no texto.

REFERÊNCIAS

A exatidão das referências é de responsabilidade dos autores. Elas devem ser organizadas de acordo com as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR 6023 e ordenadas alfabeticamente no fim do artigo, incluindo os nomes de todos os autores.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos e outras formas de reconhecimento devem ser mencionados após a lista de referências.

CITAÇÕES NO TEXTO

As citações bibliográficas inseridas no texto devem ser indicadas por numerais arábicos entre colchetes. Quando for necessário mencionar o (s) nome (s) do (s) autor (es) no texto, a seguinte deverá ser obedecida:

- » Até 3 (três) autores: citam-se os sobrenomes dos autores;
- » Mais que 3 (três) autores, cita-se o sobrenome do primeiro autor, seguido da expressão latina *et al.*;
- » Caso o nome do autor não seja conhecido, a entrada é feita pelo título.

CITAÇÕES NA LISTA DE REFERÊNCIAS

A literatura citada no texto deverá ser listada em ordem alfabética e numerada de forma sequencial, usando numerais arábicos entre colchetes. A lista de referências deve seguir os padrões mínimos estabelecidos pela ABNT NBR 6023, de agosto de 2002, resumidos a seguir:

Livro no todo

Autor (es), título em negrito, edição, local, editora e ano de publicação.

- » Exemplo: BACCAN, N.; ALEIXO, L. M.; STEIN, E.; GODINHO, O. E. S. **Introdução à semimicroanálise qualitativa**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

Livro em parte

Autor (es) e título da parte, acompanhados da expressão *in*, da referência completa do livro, do capítulo e da paginação.

- » Exemplo: SGARBIERI, V. C. Composição e valor nutritivo do feijão *Phaseolus vulgaris* L. *In*: BULISANI, E. A. (Ed.). **Feijão**: fatores de produção e qualidade. Campinas: Fundação Cargill, 1987. cap. 5, p. 257-326.

Artigo em publicação periódica

Autor (es) e título da parte, título da publicação em negrito, local (quando possível), volume, fascículo, paginação, data de publicação.

- » Exemplo: KINTER, P. K.; van BUREN, J. P. Carbohydrate interference and its correction in pectin analysis using the m-hydroxydiphenyl method. **Journal Food Science**, v. 47, n. 3, p. 756-764, 1982.

Artigo apresentado em evento

Autor (es), título da parte, seguido da expressão *in*:, título do evento, numeração do evento (se houver), local (cidade) e ano de realização, título da publicação em negrito, local, editora, data de publicação e paginação.

- » Exemplo: BRAGA, A. L.; ZENI, G.; MARTINS, T. L.; STEFANI, H. A. Síntese de calcogenoeninos. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 18, Caxambu, 1995. **Resumos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 1995. res. QO-056.

Dissertação, tese e monografia

Autor, título em negrito, ano da defesa, número de páginas, descrição do trabalho acadêmico, grau e área de conhecimento, a vinculação acadêmica, local e ano de aprovação.

- » Exemplo: CAMPOS, A. C. **Efeito do uso combinado de ácido láctico com diferentes proporções de fermento láctico mesófilo no rendimento, proteólise,**

qualidade microbiológica e propriedades mecânicas do queijo minas frescal. 2000. 80p. Dissertação (Mestre em Tecnologia de Alimentos) – Faculdade de Engenharia de Alimentos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

Trabalho em meio eletrônico

As referências devem obedecer aos padrões indicados, acrescidas das informações relativas à descrição física do meio eletrônico (disquete, CD-ROM, on-line etc.), de sua localização (em caso de páginas eletrônicas) e data de acesso.

- » Exemplo: SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. *In*: **Entendendo o meio ambiente**. São Paulo: SMA, 1999. p. 7-14. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

Legislação

Jurisdição e órgão judiciário competente, título, numeração, data e dados da publicação.

- » Exemplo: BRASIL. Portaria nº. 451, de 19 de setembro de 1997. Regulamento Técnico Princípios Gerais para o Estabelecimento de Critérios e Padrões Microbiológicos para Alimentos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 set. 1997, Seção 1, n. 182, p. 21005-21011.

GRÁFICOS, IMAGENS E TABELAS

As tabelas deverão ser numeradas com algarismos arábicos, sempre providos de título claro e conciso. As tabelas deverão ser criadas no próprio arquivo *.doc* ou ser enviadas separadamente, por e-mail, em arquivo *.xls*.

Os gráficos deverão ser numerados com algarismos arábicos, sempre providos de título claro e conciso.

Se no trabalho houver a inclusão de imagem (s), esta (s) deverá (ão) ser enviada (s) em arquivo separadamente, com formato *.jpg* e com resolução de, no mínimo, 400 dpis, ou um megabyte (1MB) de tamanho.

OS ARTIGOS DEVEM SER ENVIADOS EM ARQUIVO ELETRÔNICO PARA O E-MAIL:

revistaculttext@usp.br

TERMO DE CONCORDÂNCIA E CESSÃO DE DIREITOS DE REPRODUÇÃO (disponível para download no site prceu.usp.br/revista)

O (s) abaixo assinado (s) _____, autor (es) do artigo intitulado _____, declaram tê-lo lido e, aprovando-o na sua totalidade, concordam em submetê-lo à Revista de Cultura e Extensão USP para avaliação e possível publicação como resultado original. Esta declaração implica que o artigo, independente do idioma, não foi submetido a outros periódicos ou revistas com a mesma finalidade.

Declaro (amos) que aceito (amos) ceder os direitos de reprodução gráfica para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU-USP), no caso do artigo com o título descrito acima, ou com o título que posteriormente venha a ser adotado para atender às sugestões de editores e revisores, seja publicado pela *Revista de Cultura e Extensão USP* ou quaisquer periódicos e meios de comunicação e divulgação da PRCEU-USP. Em adição (necessário se existir mais que um autor), concordamos em nomear _____ como o autor a quem toda a correspondência e separatas deverão ser enviadas.

Cidade:

Endereço:

Data:

Nome (s) e assinatura (s):

Título *Revista de Cultura e Extensão USP*
Imagem da capa Tenda Cultural Ortega y Gasset
Créditos: Joca Duarte
Revisão de texto Eduardo Valmobida
Projeto gráfico Ricardo Assis – Negrito Produção Editorial
Supervisão de produção
editorial Verônica Cristo
Editoração eletrônica Jean Ricardo Freitas

Formato 205 x 265 mm
Fontes Avenir e Arno Pro
Número de páginas 104

VIOÊNCIA NA MEDICINA: COMO ELA AFETA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE » SITUAÇÃO DE SAÚDE DO IDOSO:
ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO EM UM MUNICÍPIO DO CENTRO-OESTE PAULISTA » CO-LABORA INCUBADORA
DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS: EXPERIÊNCIA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA EM PROJETOS DE EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA EM RIBEIRÃO PRETO » DARWIN NA ESCOLA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA » AVALIAÇÃO DO CURSO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO – CAPACITAÇÃO SEGUNDO A NR32:
CAMPUS DE RIBEIRÃO PRETO / USP DE 2010 A 2013 » AS OFICINAS DE ATIVIDADES: RECONSTRUINDO O COTIDIANO
DE PACIENTES SUBMETIDOS AO TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA